



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**  
**CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**MICAELE DOS SANTOS OLIVEIRA**

**BIBLIOTECA ESCOLAR E LUDICIDADE NO AUXÍLIO À APRENDIZAGEM:  
DISCUSSÃO SOBRE A DISLEXIA**

**FORTALEZA**

**2018**

**MICAELE DOS SANTOS OLIVEIRA**

**BIBLIOTECA ESCOLAR E LUDICIDADE NO AUXÍLIO À APRENDIZAGEM:  
DISCUSSÃO SOBRE A DISLEXIA**

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador (a): Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes

**FORTALEZA**

**2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

O48b Oliveira, Micaele Dos Santos.

Biblioteca escolar e ludicidade no auxílio à aprendizagem: discussão sobre a dislexia /  
Micaele Dos Santos Oliveira. – 2018.  
58 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro  
de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2018.  
Orientação: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.

1. Biblioteca Escolar. 2. Dificuldades de Aprendizagem. 3. Dislexia. 4. Lúdico. I. Título

CDD 020

---

**MICAELE DOS SANTOS OLIVEIRA**

**BIBLIOTECA ESCOLAR E LUDICIDADE NO AUXÍLIO À APRENDIZAGEM:  
DISCUSSÃO SOBRE A DISLEXIA**

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Isaura Nelsivânia Sombra Oliveira (Membro)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Me. Fernando Santos da Silva (Membro)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Antônio Wagner Chacon Silva (Suplente)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.  
Aos meus pais e irmãos.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, pela sua infinita bondade e não ter me desamparado nos momentos mais difíceis da vida.

À minha família: minha mãe **Marilucia dos Santos** e meu pai **Manoel Messias de Oliveira**; meus irmãos **Wegyna dos Santos**, **Caroline dos Santos**, **Welder dos Santos**, **Kelly Cristina dos Santos** e **Marquinhos Oliveira** (irmão por parte de pai); minha prima **Mayara Gomes**, por ser minha cúmplice; minha tia **Tuquinha**; minha avó **Ana Maria e meu avô Cloves**; ao doido do meu cunhado **Leandro Lemos**; minha cunhada gasguita **Cíntia Oliveira**; minha cunhada **Sayonara Oliveira**; e ao meu sobrinho lindo, luz dos meus olhos, **Carlos Levy**. Agradeço imensamente por sempre me apoiarem e acreditar que seria possível essa grande conquista. Especialmente, à minha amada irmã, **Wegyna dos Santos**, por sempre ter me dado amor e dedicação e por ter me criado como se fosse sua filha. A você devo mais do que tenho, devo o que sou e o que serei. Te Amo!

Ao meu amor, **Jackson Clayton**, que me deu força e sempre me incentivou a não desistir do que eu queria, mesmo quando tudo parecia dar errado, e por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava. Obrigada por tudo! Sem você, eu não teria conseguido.

À minha sogra, **Leda Maria**, por ser uma mãe que eu ganhei há 3 anos.

Ao meu orientador, **Jefferson Veras**, pela paciência, orientação e por não desistir de mim.

À banca examinadora, por ter aceitado o convite.

A minha turma de Biblioteconomia “2013.2” pelo companheirismo de todos esses anos de convivência e pelas boas recordações. Em especial, **Andreia Sousa e Rosa Muniz**, pelo apoio e por acreditarem em mim. Amo vocês! À **Amanda Ribeiro**, por ser essa xuxuzinha que eu tanto amo.

As minhas amigas de todas as horas, Neiriane de Oliveira e Neirilene de Oliveira vocês também fazem parte dessa conquista. Agradeço imensamente por todo apoio durante todos esses anos de amizade.

A todos da UME (Unidade de Marketing e Editoração). Em especial, ao **Cleiton Chagas e Mirela Albuquerque**, que não mediram esforços para me ajudar com a cartilha, produto final do meu trabalho e ao meu articulador, **Daniel Kaúla**, por

todas as vezes que me deixou estudar e escrever no ambiente de trabalho. Se não fosse isso, talvez eu não tivesse conseguido terminar a monografia.

Ao **Cácá**, pela força e palavras sinceras de motivação me deixando mais leve nesse momento tão difícil.

A todos os servidores e professores da UFC que contribuíram para minha formação acadêmica.

“Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena acreditar no sonho que se tem. Ou que seus planos nunca vão dar certo. Ou que você nunca vai ser alguém. Quem acredita sempre alcança.” (Renato Russo)



## RESUMO

Trata sobre a dislexia e como a Biblioteca Escolar (BE) pode auxiliar nesse distúrbio utilizando o lúdico. Apresenta a biblioteca escolar como espaço de aprendizagem e explica a importância dela na comunidade escolar. Apresenta também uma abordagem sobre a aprendizagem num contexto psicopedagógico, conceitos de dificuldades de aprendizagem, as percepções dessa dificuldade na escola aprofundando-se na dislexia e mostrando a importância do lúdico para a aprendizagem de crianças com esse distúrbio. Para isto, foi realizada uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, utilizou-se como método o bibliográfico com o objetivo de estudar a dislexia e a contribuição da biblioteca escolar utilizando o lúdico para atenuar as dificuldades na leitura e na escrita. Foi analisada a biblioteca escolar enquanto suporte educacional e o lúdico para atenuar a dislexia com base nos objetivos proposto pelo Manifesto IFLA/UNESCO. A pesquisa conclui que as brincadeiras e os jogos são grandes aliados no processo de aprendizagem do disléxico e que a BE deve utilizá-los para atenuar as dificuldades na leitura e na escrita tornando o ambiente mais atraente e dinâmico e realizando sua função social.

**Palavras-chave:** Biblioteca Escolar. Dificuldades de Aprendizagem. Dislexia. Lúdico.

## **ABSTRACT**

It deals with dyslexia and how the School Library (BE) can assist in this disorder using the playful. It presents the school library as a learning space and explains its importance in the school community. It also presents an approach to learning in a psychopedagogical context, concepts of learning difficulties, perceptions of this difficulty in school, deepening in dyslexia and showing the importance of playful learning for children with this disorder. For this, a descriptive research was carried out with a qualitative approach. The bibliographic method was used as a method to study dyslexia and the contribution of the school library, using play to attenuate difficulties in reading and writing. The school library was analyzed as an educational support and the playful one to attenuate the dyslexia based on the objectives proposed by the IFLA / UNESCO Manifesto. The research concludes that play and games are great allies in the learning process of dyslexic and that BE should use them to alleviate difficulties in reading and writing making the environment more attractive and dynamic and fulfilling its social function.

**Keywords:** School Library. Learning difficulties. Dyslexia. Ludic.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1</b>	<b>Procedimento metodológico .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1.1</b>	<b><i>Tipo de pesquisa</i> .....</b>	<b>13</b>
<b>1.2</b>	<b>Plano da obra.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>BIBLIOTECA ESCOLAR: UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM .....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM .....</b>	<b>23</b>
<b>3.1</b>	<b>Aprendizagem: uma visão psicopedagógica.....</b>	<b>23</b>
<b>3.2</b>	<b>Conceituando as dificuldades de aprendizagem .....</b>	<b>25</b>
<b>3.3</b>	<b>Percepções de dificuldades de aprendizagem na escola.....</b>	<b>28</b>
<b>3.4</b>	<b>Conceituando dislexia .....</b>	<b>32</b>
<b>3.4.1</b>	<b><i>Tipos</i>.....</b>	<b>33</b>
<b>3.4.2</b>	<b><i>Características</i>.....</b>	<b>35</b>
<b>3.4.3</b>	<b><i>Diagnóstico</i> .....</b>	<b>38</b>
<b>3.5</b>	<b>O lúdico como recurso pedagógico no processo ensino-aprendizagem de crianças com dislexia .....</b>	<b>39</b>
<b>4.</b>	<b>ANÁLISE .....</b>	<b>43</b>
<b>4.1</b>	<b>Biblioteca escolar como suporte educacional para atenuar a dislexia .</b>	<b>43</b>
<b>4.2</b>	<b>O papel do lúdico na dislexia.....</b>	<b>49</b>
<b>4.3</b>	<b>Cartilhas pedagógicas .....</b>	<b>52</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>73</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>75</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Biblioteca Escolar (BE) como promotora de novos conhecimentos e saberes é uma das instituições base na formação do cidadão sendo um recurso indispensável na escola para o processo de aprendizagem. Ela é responsável por proporcionar ao cidadão oportunidades de vivências com a leitura além de se constituir num ambiente acolhedor, convidativo, dinâmico e agradável com inúmeras possibilidades que colaborem na aprendizagem do indivíduo.

Sendo um ambiente acolhedor de grandes possibilidades a biblioteca escolar deve atuar junto à comunidade escolar estimulando o gosto pela leitura, como também o aprendizado contínuo e o desenvolvimento do indivíduo, principalmente àqueles que apresentam maiores dificuldades no processo educacional.

A dislexia é um dos distúrbios de aprendizagem mais comuns na escola que compromete seriamente a aprendizagem da criança no que concerne à leitura e à escrita. Sendo a BE parte integrante do processo educativo, faz-se necessário um olhar diferenciado para esses usuários a fim de entender melhor suas dificuldades e criar estratégias, juntamente com o corpo pedagógico, que possam auxiliar no desenvolvimento educacional do disléxico.

O lúdico é um elemento essencial na aprendizagem de qualquer criança, pois propicia a diversão e o desenvolvimento de várias habilidades, no contexto oral, corporal e criativo, desencadeando sua aprendizagem de forma natural e agradável.

Diante das explanações apresentadas, a questão que norteou essa pesquisa foi: Quais são os processos lúdicos que podem auxiliar na redução desse distúrbio de aprendizagem e como a biblioteca escolar pode se adequar a esse recurso?

Desse modo, a relevância desta pesquisa se justifica na medida em que muitas crianças sofrem com a dislexia e que, na maioria das vezes, os profissionais da educação não sabem lidar com essa situação. Dessa forma, a BE e o lúdico são elementos essenciais para inclusão dessas crianças e para o desenvolvimento das habilidades na leitura e na escrita.

Este trabalho tem como objetivo geral estudar como o lúdico pode auxiliar na redução das dificuldades de aprendizagem decorrentes da dislexia, abordando de que maneira a biblioteca escolar deve se adequar ao lúdico para atenuar problemas

no tocante à leitura e à escrita. E como meio de alcançá-lo foram traçados os seguintes objetivos específicos a) Investigar como o lúdico pode auxiliar na redução das dificuldades ocasionadas pela dislexia no que diz respeito à aprendizagem, compreendendo os aspectos centrais, características e tipos do transtorno; b) Compreender a biblioteca escolar enquanto suporte educacional em relação à realidade de alunos com dislexia, destacando as contribuições do Manifesto da IFLA/UNESCO; c) Desenvolver duas cartilhas que servirão de suporte para que o bibliotecário possa ajudar o aluno com dislexia: 1) Sobre BE; 2) Sobre dislexia e a contribuição do lúdico na aprendizagem do disléxico.

## **1.1 Procedimento metodológico**

A ideia do tema deste trabalho surgiu após fazer a disciplina de Psicopedagogia no curso de pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC), presenciando por meio de visitas escolares e relatos de professores a dificuldade que muitos alunos têm na leitura e na escrita e que, na maioria das vezes, os profissionais da área educacional não sabem lidar com a situação por falta de conhecimento sobre o assunto e reforçada pela Lei 12.244/10 a qual defere que até maio de 2020 todas as instituições de ensino público e privado do sistema de ensino do país deverão contar com bibliotecas, e conseqüentemente, bibliotecários.

Desta forma, o tema foi pensado com intuito de mostrar a importância da biblioteca escolar na aprendizagem de crianças com dislexia por meio de ações lúdicas que podem contribuir na formação e no desenvolvimento integral do aluno.

O procedimento metodológico utilizado para a realização deste trabalho foi a pesquisa descritiva de abordagem qualitativa e o método aplicado foi o bibliográfico.

### **1.1.1 Tipo de pesquisa**

Realizou-se assim uma pesquisa de caráter descritivo no qual descreve e identifica o assunto, tendo uma revisão teórica envolvendo o seu objeto de estudo. Com isso, na concepção de Gil (2002) “a pesquisa descritiva tem como principal objetivo descrever características de determinada população ou fenômeno ou o

estabelecimento de relações entre variáveis”, ou seja, estabelecendo uma relação entre biblioteca escolar, ludicidade e distúrbios de aprendizagem (dislexia).

A abordagem utilizada é a qualitativa que de acordo com Marconi e Lakatos (2011, p. 269) “A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano [...] hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.”

Em outras palavras, quando os dados coletados são oriundos da "própria bibliografia", significa que a técnica utilizada para elaboração do tema em desenvolvimento é a pesquisa qualitativa (TOZONI-REIS, 2009).

Dessa forma, o método escolhido para a análise dos dados foi a pesquisa bibliográfica, pois implica em que os dados e informações necessárias sejam obtidos a partir do levantamento de autores especializados através de livros, artigos científicos e revistas especializadas, entre outras fontes. Corroborando, Cervo e Bervian (1996) explicam que "A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos."

A fundamentação desse trabalho começou com levantamento bibliográfico sobre o tema escolhido, realizado por meio da leitura de autores especializados. Com isso, foram levantadas informações relacionadas à biblioteca escolar e sua importância no processo de ensino-aprendizagem, dificuldades de aprendizagem e dificuldades específicas se aprofundando na dislexia e atividades lúdicas para assim começar a análise.

A análise foi baseada nos objetivos propostos pelo Manifesto IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar (2000), sendo que estes objetivos foram organizados de acordo com a escrita da análise não levando em consideração a sequência estabelecida pelo Manifesto.

## **1.2 Plano da obra**

Após discorrer sobre a problemática, justificativa e os objetivos apontados nesta introdução, bem como a familiarização do tema realiza-se a descrição dos capítulos que compõem este trabalho.

O segundo capítulo apresenta a biblioteca escolar como espaço de aprendizagem, visando explicar o seu papel e a sua importância para comunidade escolar.

O terceiro capítulo mostra uma abordagem sobre a aprendizagem num contexto psicopedagógico, os conceitos de dificuldades de aprendizagem, as percepções dessa dificuldade na escola aprofundando-se na dislexia e mostrando a importância do lúdico para a aprendizagem de crianças com esse distúrbio.

O quarto capítulo traz as análises divididas em duas subseções (4.1 e 4.2) e a última subseção (4.3) é composta pelas duas cartilhas pedagógicas mencionadas no objetivo c) deste trabalho.

Na conclusão fez-se um apanhado geral sobre o desenvolvimento do trabalho e da análise, além de recomendar a produção e distribuição de cartilhas pedagógicas nas bibliotecas escolares para que venha auxiliar no conhecimento dos bibliotecários sobre a dislexia.

## 2 BIBLIOTECA ESCOLAR: UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

Existem várias formas pelas quais a aprendizagem pode ser atingida, e uma delas é por meio dos ensinamentos e dos estímulos que a Biblioteca Escolar (BE) se propõe a desenvolver, como a cognição da criança e do adolescente. Além dos ensinamentos e estímulos que a biblioteca pode proporcionar, ser atualizada, dinâmica e solícita às necessidades dos seus usuários também são elementos primordiais para o desenvolvimento do aluno numa escola.

Há uma visão estabelecida pela sociedade de que a biblioteca é um espaço onde predomina o silêncio, normas e regras, cantinho do castigo, sendo constituída apenas de suportes informacionais impressos. Entretanto, à medida que novos suportes informacionais foram surgindo, as bibliotecas, de alguma forma, incorporaram alguns desses elementos e conseqüentemente sua definição mudou, e o conceito da BE não fugiu dessa atualização. Dessa forma, ela tem se reinventado e aperfeiçoado sua forma de atuação na sociedade, assim, hoje, pode-se dizer que é, ou pelo menos deveria ser, um espaço dinâmico, de aprendizagem, compartilhamentos, descobertas, de estímulo à criatividade, bem como de contínuo fomento à leitura.

Sob esse viés, Moro e Estabel (2011, p. 17) destacam que

O conceito da biblioteca escolar mudou, antes, vista como local de silêncio, quase um templo sagrado, hoje a biblioteca pulsa vida, descoberta, alegria, prazer. Imaginar uma biblioteca sem o burburinho de seus leitores, repletos de sonhos, expectativas, desejos é pensar em biblioteca como depósito, mausoléu.

Corroborando a definição proposta acima, Coutinho e Xerxenesky (2011, p.177) afirmam que

Na atualidade, as bibliotecas de um modo geral vêm deixando de ser espaços estáticos, fechados e silenciosos, onde as pessoas se enclausuram para realizar seus estudos e leituras, e estão passando a se constituir em espaços dinâmicos, interativos e em permanente construção do saber coletivo.

A biblioteca, principalmente a escolar, não é espaço apenas de leitura, pesquisa e estudo (apesar de haver muitas BEs utilizando-as apenas para isso, com profissionais voltados para o processamento técnico e manutenção física do acervo)



mas é, sobretudo, espaço de interação e conhecimento; portanto, não cabe apenas essa visão de que a biblioteca deve ser o lugar do silêncio, cheia de regras, pois, desta forma, ela estaria negando o seu papel que “é incentivar a leitura reflexiva, pois através dela o aluno terá outra concepção do texto, não como algo estático, desprovido de sentido e de valor, mas como algo vivo, repleto de significados e informações interessantes.” (SANTANA FILHO, 2010). À vista disso, a biblioteca escolar, que trabalha principalmente com crianças e adolescentes, tem que utilizar estratégias para efetivar essa reflexão, dessa forma, é necessário fazer com que, nesse ambiente, o usuário vivencie momentos de criatividade, debates, aprendizagem e prazer.

Segundo o Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA/UNESCO (2000, p.1)

A biblioteca escolar (BE) propicia informação e ideias fundamentais para seu funcionamento bem sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A BE habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.

Assim como a escola, a biblioteca é também um dos pilares essenciais para formação do aluno enquanto cidadão, pois ela dá subsídios para o desenvolvimento cognitivo de seus usuários, complementando o aprendizado exposto em sala de aula e facilitando o acesso a vários tipos de informação buscando fazer com que esses indivíduos aprimorem seus conhecimentos e sejam capazes de fazer reflexões e inferências dando suas contribuições na comunidade em que se insere.

A biblioteca escolar é uma extensão da sala de aula que serve de apoio ao desenvolvimento do aluno no processo ensino-aprendizagem.

Côrte e Bandeira (2011, p. 6) exemplificam afirmando que

A biblioteca escolar serve de suporte aos programas educacionais, atuando como um centro dinâmico, participando, em todos os níveis e momentos, do processo de desenvolvimento curricular e funcionando como laboratório de aprendizagem integrado ao sistema educacional.

Assim, vê-se que é fundamental no processo social e cognitivo do indivíduo uma boa base para atingir níveis educacionais na carreira escolar dos alunos. A biblioteca como suporte didático serve não somente às bases fundamentais do aprendizado como também auxilia e potencializa o ensino do

professor dentro e fora de sala de aula, proporcionando um melhor aproveitamento dos espaços da escola. Portanto, esse ambiente deve ser transformado em um local dinâmico e cultural que desperte o prazer de ser frequentado pelos seus usuários.

De acordo com Campello *et al.* (2008)

A biblioteca escolar pode, sim ser o local onde se forma o leitor crítico, aquele que seguirá vida afora buscando ampliar suas experiências através da leitura. Mas, para tanto, deve ser pensada como um espaço para criação e de compartilhamento de experiências, um espaço de produção cultural em que crianças e jovens sejam criadoras e não apenas consumidoras de cultura.

A biblioteca pensada como espaço de criação, compartilhamento e produção cultural é muito importante para que nada seja imposto aos seus usuários, muito pelo contrário, o espaço tem que desenvolver atividades que proporcionem o gosto pela biblioteca, leitura e pelas demais atividades desenvolvidas nela que visam sempre ao conhecimento e à aprendizagem.

Incentivar a leitura livre, complementando a leitura científica, é muito importante para o desenvolvimento do indivíduo. A biblioteca pode promover debates para que esses leitores possam refletir a respeito de um assunto deixando o a criticidade mais aguçada e fazendo com que eles ampliem o conhecimento de mundo.

Desse modo, entende-se que a biblioteca é ferramenta indispensável numa escola, pois contribui de forma significativa para o desenvolvimento dos indivíduos na comunidade escolar.

De acordo com Lourenço Filho (1946, p. 04),

Ensino e biblioteca não se excluem, complementam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto.

A biblioteca escolar é ambiente integrado à escola, visto que partilham do mesmo objetivo, portanto, a escola como um todo, seja a biblioteca, a coordenação pedagógica, a classe de professores e de alunos têm que caminhar juntas para cumpri-lo.

Nesse sentido Hillesheim e Fachin (2003/2004, p. 38) afirmam que “O objetivo principal da escola consiste em oferecer aos seus alunos habilidades e

competências necessárias para o seu desenvolvimento pessoal, social e profissional.”

Do ponto de vista de Côrte e Bandeira (2011, p. 8)

A biblioteca escolar [...] Jamais será uma instituição independente, porque sua atuação reflete as diretrizes de outra instituição que é a escola. Essa situação de dependência faz com que a biblioteca, para cumprir seu papel, esteja em estreita sintonia com a concepção educacional e as diretrizes político-pedagógicas da escola à qual se integra.

Os objetivos da biblioteca escolar e conseqüentemente, seus serviços e atividades devem estar entrelaçados ao objetivo geral da escola à qual se insere e, assim, atender as necessidades da instituição e dos seus usuários. Desse modo, a biblioteca escolar, segundo exemplifica o Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar (2000 p. 2), objetiva:

- \_ apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola;
- \_ desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida;
- \_ oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento;
- \_ apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos;
- \_ prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas idéias, experiências e opiniões;
- \_ organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade;
- \_ trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola;
- \_ proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia;
- \_ promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu derredor.

Para desenvolver esses objetivos e para que a biblioteca possa exercer seu papel, Côrte e Bandeira (2011, p. 3) afirmam que três elementos são fundamentais:

um acervo bem selecionado e atualizado, que contemple todo tipo de suporte de informação; um ambiente físico adequado e acolhedor, e o mediador, a figura do bibliotecário/professor que surge no processo de leitura, com função de atuar produtivamente na seleção do acervo. A biblioteca escolar precisa ser aberta, ser interativa, e constituir-se num

espaço livre para expressão genuína da criança, do adolescente e do jovem.

A biblioteca escolar, bem como as atividades desenvolvidas nela, deve ser conduzida pelo bibliotecário que, por sua vez, deve coordenar as atividades de acordo com o projeto pedagógico e as diretrizes da escola de acordo com as necessidades e nível escolar que cada usuário tem.

Desta forma, a participação do bibliotecário é essencial no desenvolvimento da biblioteca escolar, mas em muitas bibliotecas, principalmente em escolas públicas, cuja maioria é chamada de “sala de multimeios”, quem atua são professores readaptados que, muitas vezes, estão impedidos de ministrar aulas por estar com problemas de saúde ou por estar perto de se aposentar. Na visão de Côrte e Bandeira (2011, p. 14), “é como se a biblioteca fosse um espaço de terapia ocupacional. Certamente o professor doente em sala de aula será doente também na biblioteca.” Essa substituição dificulta o desempenho da biblioteca escolar, quando na verdade, bibliotecário e professor deveriam trabalhar juntos a fim de cumprir os objetivos da biblioteca e conseqüentemente da escola.

Para Neves (1998 *apud* SERAFINE *et al.* 2011, p. 131)

[...] é na biblioteca escolar, que a leitura e a escrita encontram todas as condições para o seu amplo e bem sucedido desenvolvimento, principalmente, se forem realizadas de forma integrada às atividades de sala de aula, em conseqüência de um planejamento conjunto entre a biblioteca e os professores.

É importante ressaltar a parceria entre os objetivos da biblioteca e os do professor, pois diante do trabalho conjunto, cria-se uma influência adequada para realização de atividades que vão para além da leitura. Logo, bibliotecário e professor devem criar um ambiente no qual o aluno possa desenvolver habilidade crítica e reflexiva, assim como a diversidade intelectual, social e de aprendizagem, o que torna benéfico tanto para o aluno como para o bibliotecário e para o professor.

Em contrapartida, Bortolin (2006, p.12) traz um novo olhar sobre esse questionamento sobre professores atuarem na biblioteca:

[...] muita crítica tem sido feita sobre o professor ocupar o espaço do bibliotecário na escola. Por outro lado, com a mesma intensidade se fala do despreparo pedagógico do bibliotecário para atuar na biblioteca das escolas. Corporativismo a parte, pouco se tem feito para resolver esse impasse e a biblioteca escolar, em especial na esfera pública, não progride. Ineficiente, permanece ausente da vida dos estudantes. Sofre do mal da

invisibilidade, quase ninguém percebe sua falta. [...]. Mas por outro lado, também o bibliotecário, a princípio, não conhece a parte pedagógica e por isso mesmo precisa inteirar-se da área educacional, adquirindo novos conhecimentos por meio de leituras, encontros e conversas com educadores, reuniões, palestras e cursos entre outros. Enfim, este é um dos momentos em que o bibliotecário deve praticar a autocrítica e cumprir com a necessária educação continuada.

Nessa perspectiva, percebe-se a necessidade da educação continuada do bibliotecário e a interação que ele deve ter com a comunidade escolar. Isso levará esse profissional a adquirir experiências pedagógicas, mas também levar “ao conhecimento dos professores o acervo da biblioteca e os serviços que podem proporcionar-lhes” (Côrte e Bandeira, 2011, p. 13). Dessa forma, ele estará atuando e contribuindo de forma positiva na escola fazendo com que os gestores percebam sua importância e da biblioteca escolar para o ensino-aprendizagem na comunidade em que ela se insere, pois, como coloca Bicheri e Almeida Júnior (2013, p. 43),

Muitos educadores sabem da importância da biblioteca, mas desconhecem a importância do bibliotecário. Por isso o profissional que atua na biblioteca não pode ficar no seu cantinho, esperando que os usuários (professores, alunos, funcionários, direção e pais de alunos) se dirijam até ele.

Sendo assim, o bibliotecário não só pode como deve fazer parte do planejamento curricular atuando junto aos educadores da instituição promovendo integração entre o professor, bibliotecário e aluno. "O apoio imediato do professor é, entretanto, o de maior importância para o êxito da tarefa político-pedagógico da biblioteca escolar." (SILVA, 1999, p. 73).

Nesse sentido, descreve Araújo:

Não se pode pensar em democratização do ensino encarando a biblioteca como órgão dissociado do planejamento educacional, pensando-se apenas em aulas expositivas, baseadas na transmissão oral de conhecimentos. A educação é um ato dinâmico, crítico, transformador e a biblioteca moderna deve extrapolar o caráter conservador e armazenador da informação, pensando a agir como um centro de aprendizagem dinâmica e participativa. (ARAÚJO, 1986, p. 106)

A biblioteca não pode ser vista como um lugar isolado, no qual só serve para ser um local de silêncio e leitura individual. Além disso, a biblioteca tem que ser um espaço democrático, dinâmico e participativo entre os outros espaços da escola, proporcionando a transformação por meio da busca e curiosidade pela informação

em seus diversos suportes, dessa maneira, sempre contribuindo na evolução da aprendizagem do aluno, pois, como afirma Silva (1999, p. 76-77),

o bibliotecário escolar é uma espécie de coordenador da biblioteca, responsável, como já denota o termo, pela coordenação das sugestões, idéias, atividades vindas de todos os pontos da escola, sempre visando a transformação da biblioteca escolar num espaço dinâmico e articulado com o trabalho desenvolvido pelo professor. [...] Enfim, cabe ao profissional em atuação na biblioteca escolar torná-la objeto de reflexão e espaço de participação para todos os segmentos da escola e da comunidade na qual ela se insere.

A escola precisa integrar a biblioteca ao planejamento educacional proposto por ela. A biblioteca, por sua vez, além de ser um espaço de organização, estruturação e conhecimento, também é um espaço em que deve escutar os outros espaços da escola. Deve receber sugestões não só pelo seu atendimento ou sobre sua coleção, mas também pelo seu papel de articular, juntamente ao professor, novos meios de aprendizagem além do espaço da sala de aula. Dessa forma, visando à reflexão de modo significativo, é necessário que o aluno saiba usar as ferramentas da biblioteca para se aprofundar mais sobre determinados assuntos compreendidos dentro da sala de aula, proporcionando, assim, uma assimilação das informações.

Todos esses passos que o bibliotecário deverá percorrer são essenciais para que a biblioteca cumpra com seu papel perante a sociedade. Vale ressaltar, que o bibliotecário não pode focar apenas no seu trabalho técnico e desconsiderar os outros componentes necessários para que a biblioteca exerça seu papel, deve ser ativo, uma vez que atua como agente transformador que auxiliará os alunos, bem como facilitará o acesso à informação. Dessa forma, os alunos serão preparados para que futuramente sejam independentes nas suas buscas ampliando assim seus conhecimentos e incentivados a fazer uso dos materiais e serviços que a biblioteca dispõe despertando neles o gosto pela leitura.

Fazer um estudo para conhecer seu público é primordial para um profissional que trabalha com informação, afinal, como ele vai conhecer as reais necessidades e interesses de seus usuários sem conhecê-los? Além disso, o bibliotecário precisa mostrar-se participativo, criativo, inovador, porque suas competências devem ir para além da técnica, afinal, o aluno não deve apenas ir à biblioteca quando precisar, mas sim, desejar frequentar e utilizar seus serviços.

### **3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

Nesse capítulo, abordaremos a aprendizagem num contexto psicopedagógico, os conceitos de dificuldades de aprendizagem, as percepções dessa dificuldade na escola aprofundando-se na dislexia e mostrando a importância do lúdico para a aprendizagem de crianças com esse distúrbio.

#### **3.1 Aprendizagem: uma visão psicopedagógica**

A aprendizagem dá-se a partir da interação do sujeito com o meio, ou seja, vem sendo estimulada desde o nascimento, ocorrendo mudanças de comportamento por meio das relações sociais, perdurando até a morte.

Segundo Piaget (1980, p. 40 apud SANTOS, 2012, p. 28),

Em sentido mais amplo, a aprendizagem é um processo adaptativo se desenvolvendo no tempo, em função das respostas dadas pelo sujeito a um conjunto de estímulos anteriores e atuais. Essas respostas consistem na atualização dos esquemas conferindo significações aos estímulos, isto é, adjunções específicas introduzidas pelo sujeito (interpretação oposta à concepção empirista).

Consoante ao pensamento explicitado, depreende-se que o indivíduo, partindo de uma experiência anterior, pode modificá-la do seu modo e mantê-la para propiciar a sua forma de experiência por meio da aprendizagem. Logo, os processos de aprendizagem e desenvolvimento tornam-se algo que não se pode separar, pois a forma de como se aprende algo depende do nível de cognição que o indivíduo já possui, ou seja, outras experiências passadas com efeito de suporte cognitivo para criação de novas formas de pensar.

Seguindo a mesma linha de pensamento, sob a ótica da psicopedagogia, “a aprendizagem pode ser definida como uma modificação sistemática do comportamento, por efeito da prática ou experiência, com um sentido de progressiva adaptação ou ajustamento”, como refere Campos (2003, p. 30). Destarte, é importante salientar que esse comportamento deve ser entendido no sentido mais amplo do termo, pois não é qualquer mudança comportamental que pode ser considerada aprendizagem.

Os pais apresentam uma grande influência nessa modificação sistemática, pois é através deles que a criança tem a sua primeira referência comportamental, seja nas reações simbólicas, como gestos e fala, seja de forma implícita, que pode levá-lo a perceber e pensar de modo diferente, o que influencia fortemente nos seus hábitos, atitudes, desenvolvimentos pessoal e social.

Adaptar-se a novos ambientes é bastante importante para que possamos conviver na sociedade. Dessa forma, relacionar-se com diferentes grupos sociais faz com que o indivíduo assimile valores culturais ao longo do processo de socialização e construa sua identidade. Esse aprendizado se torna responsável pela inserção de pessoas no mundo cultural, como afirma Bossa (2011, p. 45):

A aprendizagem, afinal, é responsável pela inserção das pessoas e da cultura. Mediante a aprendizagem, o indivíduo se incorpora ao mundo cultural, com uma participação ativa, ao se apropriar de conhecimentos e técnicas, construindo em sua interioridade um universo de representações simbólicas.

Nesse sentido, podemos dizer que a escola é parte fundamental nesse processo de aprendizagem que incorpora o indivíduo ao mundo sociocultural, pois, segundo Antunes (2002, apud SANTOS, 2012, p. 45), “a instituição-escola, em geral, tem basicamente duas funções principais: propiciar a transmissão da cultura e favorecer o desenvolvimento da aprendizagem nos educandos.” Sendo assim, a escola transmissora do conhecimento e responsável por grande parte dessa aprendizagem é, também, uma instituição sociocultural, já que, nesse ambiente, estão inseridos diferentes grupos sociais, possibilitando discussões e a disseminação sobre diversas erudições, incorporando a cultura no processo de ensino-aprendizagem.

Corroborando esse entendimento, Campos (2003, p. 33) ratifica que

A aprendizagem envolve o uso e o desenvolvimento de todos os poderes, capacidades, potencialidades do homem, tanto físicas quanto mentais e afetivas. Isto significa que a aprendizagem não pode ser considerada somente como um processo de memorização ou que emprega apenas o conjunto das funções mentais ou unicamente os elementos físicos ou emocionais, pois todos estes aspectos são necessários.

Dessa forma, entende-se que, para acontecer a aprendizagem, todos esses aspectos são necessários, visto que ela nunca deve ser confundida com aprendizagem mecânica, ou seja, compreendida como memorização sem tantos



significados, pois, dessa forma, não seria uma aprendizagem que contemplasse o mundo do sujeito, em que novos conceitos são interligados a outros já existentes na estrutura cognitiva, o que a classificaria, portanto, como uma pseudoaprendizagem.

Além disso, de acordo com Alicia Fernández (1991, apud BOSSA, 2011, p. 37), “todo sujeito tem sua modalidade de aprendizagem, ou seja, meios, condições e limites para conhecer.” Ninguém é igual a ninguém. Toda criança tem suas peculiaridades diante das diversas formas de aprender algo e, muitas vezes, apresentam dificuldades nesse processo. A aprendizagem conta com suas dificuldades que são caracterizadas pela desordem ou disfunção no processo de aprender. Sobre as Dificuldades de Aprendizagem (DA), abordaremos esse assunto no próximo capítulo.

### **3.2 Conceituando as dificuldades de aprendizagem**

As Dificuldades de Aprendizagem (DA) tem sido alvo de constantes debates não havendo um consenso entre os autores que estudam essa área, dada a complexidade e amplitude do tema. Esta área, além de complexa, é bastante diversificada, pois se refere a um público que inclui várias idades, de classes sociais diferentes com subtipos de dificuldades, dentre várias outras características.

Para Mousinho e Navas (2016, p. 43), essas dificuldades

Não podem ser explicadas por deficiências intelectuais, déficits visuais ou auditivos não corrigidos, outros transtornos neurológicos ou mentais, adversidade psicossocial, baixa proficiência na língua utilizada para a aprendizagem acadêmica ou instrução educacional inadequada.

Diante do exposto, a definição que reúne maior consenso internacionalmente sobre as Dificuldades de Aprendizagem (DA) é:

Dificuldades de aprendizagem (DA) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e do raciocínio matemático. Tais desordens, consideradas intrínsecas ao indivíduo, presumindo-se que sejam devidas a uma disfunção do sistema nervoso central, podem ocorrer durante toda a vida. (FONSECA, 1995, p. 71)

Os problemas citados não significam que uma criança apresente todos eles. Uma criança ou adolescente pode ter alguns desses problemas em que essas desordens tendem a afetar a forma como a criança processa as informações atingindo sua capacidade de falar, ler, escrever, raciocinar, organizar e interpretar as informações ou de fazer cálculos matemáticos, ou seja, ela vai trabalhar, cognitivamente, abaixo da sua capacidade devido a sua dificuldade, como exemplifica Silva (2010, p. 13-14) em sua obra:

Um indivíduo com dificuldades de aprendizagem não apresenta necessariamente baixo ou alto QI. Significa apenas que ele está trabalhando abaixo da sua capacidade devido a um fator com dificuldade, em áreas como por exemplo o processamento visual, auditivo ou oral, estas podem ser diagnosticadas através de testes específicos de inteligência e outras avaliações.

Além de não apresentar um QI baixo ou alto, com o diagnóstico feito corretamente, os profissionais adequados podem ajudá-lo a trabalhar ainda mais a sua capacidade cognitiva a fim de aumentar o seu desempenho escolar e principalmente pessoal.

De acordo com a presidente nacional da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) e conselheira vitalícia da ABPp Goiás, Luciana Barros de Almeida “as dificuldades de aprendizagem, que provocam frustração em pais, professores e principalmente estudantes, atingem cerca de 5% da população escolar.” (Brasil, 2014).

Para ter certeza sobre essa dificuldade de aprendizagem, é necessário compreender a situação do aluno avaliando e discernindo se aquela dificuldade pertence a sua idade ou não, pois como afirma a presidente da (ABPp),

O professor precisa ter discernimento entre uma dificuldade de aprendizagem natural e uma dificuldade de aprendizagem recorrente. Todo novo conhecimento, por sua natureza, gera uma transitoriedade entre o aprender e o não aprender, isto é, um novo conteúdo ensinado nem sempre será instantaneamente aprendido. Há um tempo necessário para que ele seja devidamente assimilado e na medida em que ocorre a assimilação, posteriormente vem a acomodação, que é quando a aprendizagem é consolidada, isto é, a criança se apropria, torna seu o conhecimento que vem a partir do outro (na maioria das situações, via professor). Portanto, o professor precisa dar um tempo para que aluno possa mostrar o que foi possível aprender. (Brasil, 2014).

É normal que os alunos das séries iniciais tenham certa dificuldade na

leitura, na escrita e no raciocínio matemático, porém o que se espera é um progresso desses alunos no sentido de que eles aprendam o esperado pela escola adquirindo conhecimento básico. Entretanto, se as dificuldades persistirem, esse indivíduo pode estar com alguma das Dificuldades de Aprendizagem Específicas (DAE).

Os casos mais comuns dessas Dificuldades de Aprendizagem Específicas são: Dislexia, Disgrafia, Discalculia, Dislalia, Disortografia e TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade).

Quadro 1 – Características das Dificuldades de Aprendizagem Específicas (DAE)

<ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>Dislexia:</b> é a dificuldade que aparece na leitura, impedindo o aluno de ser fluente, pois faz trocas ou omissões de letras, inverte sílabas, apresenta leitura lenta, dá pulos de linhas ao ler um texto, etc. Estudiosos afirmam que sua causa vem de fatores genéticos, mas nada foi comprovado pela medicina.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>Disgrafia:</b> normalmente vem associada à dislexia, porque se o aluno faz trocas e inversões de letras, conseqüentemente encontra dificuldade na escrita. Além disso, está associada a letras mal traçadas e ilegíveis, letras muito próximas e desorganização ao produzir um texto.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>Discalculia:</b> é a dificuldade para cálculos e números, de um modo geral os portadores não identificam os sinais das quatro operações e não sabem usá-los, não entendem enunciados de problemas, não conseguem quantificar ou fazer comparações, não entendem seqüências lógicas. Esse problema é um dos mais sérios, porém ainda pouco conhecido.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>Dislalia:</b> é a dificuldade na emissão da fala, apresenta pronúncia inadequada das palavras, com trocas de fonemas e sons errados, tornando-as confusas. Manifesta-se mais em pessoas com problemas no palato, flacidez na língua ou lábio leporino.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● <b>Disortografia:</b> é a dificuldade na linguagem escrita e também pode aparecer como conseqüência da dislexia. Suas principais características são: troca de grafemas, desmotivação para escrever, aglutinação ou separação indevida das palavras, falta de percepção e compreensão dos sinais de pontuação e acentuação.</li> </ul>

- **TDAH:** O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é um problema de ordem neurológica, que traz consigo sinais evidentes de inquietude, desatenção, falta de concentração e impulsividade. Hoje em dia é muito comum vermos crianças e adolescentes sendo rotulados como DDA (Distúrbio de Déficit de Atenção), porque apresentam alguma agitação, nervosismo e inquietação, fatores que podem advir de causas emocionais. É importante que esse diagnóstico seja feito por um médico e outros profissionais capacitados.

Fonte: Barros (2013)

No próxima subseção, abordaremos as percepções dos professores sobre alunos com Dificuldades de Aprendizagem (DA) na escola incluindo os fatores que levam as crianças ou adolescente a ter DA, assim como as várias expressões utilizadas para fazer referência aos alunos com dificuldades de aprendizagem interferindo, muitas vezes, no seu aprendizado e acarretando na evasão escolar desse aluno.

### **3.3 Percepções de dificuldades de aprendizagem na escola**

Para Mousinho e Navas (2016, p. 43),

As dificuldades na aprendizagem começam na idade escolar, mas podem não se manifestar plenamente até que a demanda daquela habilidade ultrapasse a capacidade limitada do indivíduo (ex.: avaliações com limites de tempo, leitura ou produção de textos longos e complexos com prazo curto, sobrecarga acadêmica).

A grosso modo, pode-se dizer que na escola, geralmente, uma criança ou adolescente é identificado com DA, quando não consegue acompanhar seus colegas de classe (seja na leitura, na escrita, seja no raciocínio matemático), ou seja, quando seu rendimento escolar não é satisfatório, é identificado muitas vezes como insucesso ou fracasso escolar.

De acordo com Felipe e Benevenuti (2013, p. 62),

O termo dificuldades de aprendizagem está focado no indivíduo que não responde ao desenvolvimento que se poderia supor e esperar do seu

potencial intelectual e, por essa circunstância específica cognitiva da aprendizagem, ele tende a apresentar desempenhos abaixo do esperado.

São vários os fatores que impedem a aprendizagem de uma criança ou adolescente na escola. As dificuldades de aprendizagem podem estar ligadas a fatores cognitivos ou até mesmo a fatores externos que interferem na aprendizagem do indivíduo. Esses fatores externos podem ser: familiares, deficiências escolares, como a metodologia utilizada pela escola ou pelo professor, fatores sociais, culturais, dentre outros.

Sobre as dificuldades relacionadas aos fatores sociais, em “A contribuição da estimulação para a aprendizagem” da Revista de Educação do Ideau – REI (2014) encontra-se o seguinte esclarecimento:

Muitas vezes as crianças são frutos de gestações desfavoráveis, incompletas e estes acontecimentos negativos fazem com que essas crianças tenham maior chance de apresentar atrasos em seu desenvolvimento e, é claro, terá mais dificuldade que os colegas (CAMPOS; PEREIRA, 2006 apud ZANATA, 2014 p. 05).

Partindo para o socioconstrutivismo, pode-se dizer que a aprendizagem está ligada, principalmente, à estimulação e às interações que as crianças recebem das pessoas que as cuidam, mas há também situações familiares que não favorecem o desenvolvimento desse indivíduo. Quando um aluno vai à escola, leva consigo bagagem das experiências vividas, o que influencia, assim, no seu aprendizado.

Crianças que tiveram oportunidade de ter em sua infância acesso a diversos bens culturais tendem a ser sujeitos críticos no ambiente em que vivem. Porém, quando o quadro é inverso, quando essas crianças que não tiveram a oportunidade de ter contato com livros, jogos educativos ou outros meios que pudessem lhes proporcionar o conhecimento adequado das palavras, sua aprendizagem fica somente a cargo da escola, o que se torna evidente a desvantagem deles, se comparado àqueles que tiveram acesso a meios que lhes proporcionaram uma significativa base de conhecimento, sendo esse, um dos motivos por que o aluno não consegue acompanhar os trabalhos, conforme seus colegas de turma.

Entretanto, isso não quer dizer que os alunos que tiveram acesso a bens culturais, como livros ou qualquer outro meio que pudesse lhes proporcionar uma boa

base de conhecimento com as palavras, não tenham algum tipo de DA, pois esse contato é importante na aprendizagem do indivíduo, mas não decisivo.

Segundo Ribas (2000, p. 37 apud SANTOS, 2012, p. 66), são várias as expressões utilizadas para fazer referência aos alunos com dificuldades de aprendizagem, são elas: “Crianças-problema; alunos indisciplinados; crianças hiperativas; alunos incapazes; crianças com disfunção cerebral mínima; alunos com desordens ou déficits de atenção entre outras”.

É importante salientar que dificuldades de aprendizagem não é sinônimo de indisciplina e muito menos de incapacidade. Muitas vezes, essa rotulagem dá-se pelo fato do professor não saber lidar com a diversidade dos seus alunos prejudicando-os seriamente, pois, a criança ou adolescente que tem DA, por qualquer que seja o fator, não sabe lidar com isso e muitas vezes prefere acreditar que é desinteressado para não ser chamado de “burro” ferindo assim seu amor próprio, como exemplifica a autora Bossa (2000, p. 13),

A criança ou o adolescente muitas vezes prefere acreditar, e fazer os outros acreditarem, que vai mal na escola porque é desinteressado. Aceitar que não entende a matéria, para esses jovens significa ser “burro”. Quando nos sentimos “burros” ferimos nosso narcisismo. Podemos dizer que o narcisismo é o nosso amor próprio. Um sentimento que nutrimos por nós mesmos e que, na medida certa, é muito importante para nossa saúde mental.

Para que isso não aconteça, faz-se necessário ter um olhar diferenciado para estes jovens, ou seja, a escola deve estar atenta ao processo de construção da aprendizagem desses indivíduos deixando que, principalmente, no que se refere à leitura e à escrita, eles possam deixar suas hipóteses e que junto a isso os professores lancem desafios de forma moderada para que os alunos evoluam em seus conhecimentos.

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – BRASIL, (1998, p. 32), encontra-se o seguinte esclarecimento:

Cabe ao professor a tarefa de individualizar as situações de aprendizagens oferecidas às crianças, considerando suas capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas assim como os conhecimentos que possuem dos mais diferentes assuntos e suas origens socioculturais diversas. Isso significa que o professor deve planejar e oferecer uma gama variada de experiências que responda, simultaneamente, às demandas do grupo e às individualidades de cada criança. Considerar que as crianças são diferentes entre si, implica propiciar uma educação baseada em condições de aprendizagem que respeitem suas necessidades e ritmos individuais, visando a ampliar e a enriquecer as capacidades de cada

criança, considerando-as como pessoas singulares e com características próprias. Individualizar a educação infantil, ao contrário do que se poderia supor, não é marcar e estigmatizar as crianças pelo que diferem, mas levar em conta suas singularidades, respeitando-as e valorizando-as como fator de enriquecimento pessoal e cultural.

Sendo assim, entender a essência da dificuldade que impede a aprendizagem do aluno em sala de aula é fundamental para que seja feita intervenções adequadas com o apoio de profissionais especializados, para que o professor possa conduzir da melhor forma seus ensinamentos pensando não somente nos resultados cobrados pela escola, mas também, principalmente, no aluno, ou seja, estimulando suas habilidades e potencialidades, mas respeitando a singularidade que cada um tem, pois, quando ele não aprende, é excluído dessa comunidade, o que o leva a uma desmotivação e a acreditar que ele é desinteressado, assim, desacredita em si e na sua capacidade chegando muitas vezes ao abandono escolar.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – BRASIL, 2001, p. 9, Art. 4º diz que

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Sob esse viés, especificamente, a família não deve só assegurar o direito à educação, mas acompanhar o processo de aprendizagem da criança, afinal, a participação da família no processo ensino-aprendizagem é essencial para formação desse indivíduo.

Segundo Cunha (2010, p. 96),

A alfabetização emocional inicia-se na família e, posteriormente, amplia-se nas relações na escola. Nestes espaços, o indivíduo começa a lidar com as emoções que lhe acompanharão por toda sua vida: o amor, o desejo, as incertezas, as inseguranças, as ansiedades e tantas outras que precisarão ser apercebidas e lapidadas durante a formação de sua personalidade.

Nesse sentido, tanto a escola quanto a família são responsáveis pela formação e a base da aprendizagem de cada indivíduo, portanto devem caminhar juntas nesse processo.

O professor pode envolver os pais nas atividades pedagógicas e orientá-los para que possam estimular o desenvolvimento cognitivo do filho de forma adequada, assim, ajudando a criança ou adolescente a enfrentar essas barreiras pensando sempre em sanar essas dificuldades e, conseqüentemente, almejando a sua progressão, sendo eles seus maiores apoiadores e incentivadores diante os obstáculos.

Portanto, acompanhar, auxiliar, apoiar e acima de tudo, respeitar seu tempo para assimilar e processar as informações faz parte da contribuição da família afetando de forma positiva no processo ensino-aprendizagem da criança. Além disso, é importante ficar atento a pressões e comparações com irmãos ou outros alunos, pois estes podem prejudicar ainda mais o seu desempenho.

Dentre todas as dificuldades existentes, esse estudo se dedicou a se aprofundar na dificuldade que compromete a leitura e a escrita.

### **3.4 Conceituando dislexia**

De acordo com Santos (2012), as investigações sobre as dificuldades de aprendizagem se encontram em volta de muitas controvérsias e fundamentalmente pouco produtivas, estando o conceito e definição da Dislexia nesse mesmo patamar de controvérsias que o autor cita.

Em linhas gerais, pode-se dizer que a dislexia é uma dificuldade, transtorno da aprendizagem com comprometimento na leitura, na escrita, na memorização, nas relações espaciais, na soletração, dentre outros.

Brandão (2015, p. 18) afirma que

Graças às teorias piagetianas e construtivistas não se vê o dislético como um doente ou paciente, mas como alguém saudável que apresenta especificidade na aprendizagem da linguagem escrita, no momento de interação com o sistema de escrita que é bastante complexo e com os falantes de sua língua materna.

Ao contrário do que muitos pensam, a dislexia não se refere a uma doença, e sim a um transtorno de aprendizagem. Desse modo, sabe-se que é um transtorno causado por característica genética ou neurobiológica comprometendo certas áreas do cérebro ocorrendo falhas no processamento da informação.

Moura (2013, p. 12) exemplifica que



Os disléxicos recebem informações em uma área diferente do cérebro, portanto o cérebro dos disléxicos é normal. Infelizmente essas informações em áreas diferentes resultam de falhas nas conexões cerebrais. O resultado é que devido a essas falhas no processo de leitura, eles têm dificuldades de aprender a ler, escrever, soletrar, pois é difícil assimilarem as palavras.

Apesar das informações serem processadas em uma área diferente das pessoas que não têm dislexia, o cérebro de um disléxico é “normal”. A diferença é que devido a essas falhas que o autor relata, as informações são processadas de forma lenta interferindo, principalmente, na junção e na compreensão dos símbolos linguísticos e perceptivos. Essas dificuldades não devem ser confundidas com preguiça ou falta de interesse.

A definição que originou-se pela International Dyslexia Association – IDA, em 2002, e que foi adotada pela Associação Brasileira de Dislexia é a seguinte:

A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas.

Mousinho e Navas (2016, p. 38) conceituam dislexia como

[...] um dos vários tipos de transtornos de aprendizagem. Trata-se de uma dificuldade específica de linguagem, de origem constitucional, caracterizada por dificuldades na decodificação de palavras isoladas, normalmente refletindo insuficiência do processamento fonológico. Estas dificuldades na decodificação de palavras isoladas são muitas vezes inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas e acadêmicas; não são o resultado do desenvolvimento generalizado de incapacidade ou deficiência sensorial. Dislexia é manifestada por dificuldades linguísticas variadas, incluindo, normalmente, para além das alterações de leitura, um problema com a aquisição da proficiência da escrita e da soletração.

Como se pode perceber, as definições se complementam e convergem em muitos pontos. Sendo assim, seguindo a linha dos conceitos citados, a dislexia pode ser considerada um transtorno com especificidade na escrita, soletração e principalmente na leitura, uma vez que o disléxico apresenta problemas em decodificar palavras isoladas, ocasionando uma deficiência no processamento fonológico.

### **3.4.1 Tipos**

Para uma maior compreensão sobre essa dificuldade que se apresenta na aprendizagem, cita-se alguns autores que vão especificar os tipos de dislexia, porém, a depender dos teóricos pesquisados ou do profissional que fará o diagnóstico, podem ser encontradas diversas classificações dos tipos e muitas vezes subtipos de dislexia.

Na visão de Citoler (1996, apud ABREU, 2012, p.30), as dislexias são divididas em dois tipos que são: Adquiridas e Evolutivas (ou de desenvolvimento), como consta na tabela abaixo.

Quadro 2 - Tipos de Dislexia

<b>Dislexia Adquirida</b>	<p><b>Fonológica:</b> Dificuldade no uso do procedimento subléxico por lesão cerebral.</p> <p><b>Superficial:</b> Dificuldade no uso do procedimento léxico por lesão cerebral.</p> <p><b>Profunda:</b> Dificuldades no uso de ambos os procedimentos.</p>
<b>Dislexia Evolutiva</b>	<p><b>Fonológica:</b> Dificuldade na aquisição do procedimento subléxico por problemas fonológicos, perceptivo-visuais e neurobiológicos.</p> <p><b>Superficial:</b> Dificuldade na aquisição do procedimento léxico por problemas fonológicos, perceptivo-visuais e neurobiológicos.</p> <p><b>Mista:</b> Dificuldade na aquisição de ambos os procedimentos por problemas fonológicos, perceptivo-visuais e neurobiológicos.</p>

Fonte: Abreu (2012, p.30)

Abreu, (2012, p. 29-30) explica que o primeiro tipo é caracterizado por pessoas que já foram leitores eficazes, mas perderam essa habilidade por algum tipo de lesão cerebral. O segundo tipo é identificado por pessoas que desde o início da aprendizagem da leitura apresentaram dificuldades.

Como podemos perceber, cada tipo de dislexia apresenta três subtipos. Referente às dislexias adquiridas, pode-se encontrar: fonológica, superficial e

profunda. Conforme a autora, o primeiro refere-se ao indivíduo que lê pela via lexical, ou seja, tem dificuldade na leitura de pseudopalavras (respeitam as regras fonéticas, mas não tem significados). No segundo, o indivíduo lê pela via sublexical ou direta, então apresentam dificuldades na leitura de palavras irregulares, não conseguindo reconhecer uma palavra como um todo. Na terceira, por sua vez, o indivíduo tem dificuldade em ambos e lê mediante o uso do significado das palavras, então tem dificuldades na leitura e em aceder ao significado das palavras.

Dislexia evolutiva ou de desenvolvimento encontram-se três tipos bastante semelhantes ao anterior: fonológico, quando a dificuldade se situa ao nível sublexical, de tipo superficial, quando a dificuldade se situa ao nível lexical e de tipo misto, quando a dificuldade se situa tanto na via lexical como sublexical.

No decorrer dos anos e com estudos mais avançados, vários outros subtipos de dislexia foram surgindo. Ianhez (2002, p.26 apud BRANDÃO, 2015, p. 32-33) classifica as dislexias em cinco subtipos:

**Dislexia disfonética:** dificuldades de percepção auditiva na análise e síntese de fonemas, dificuldades temporais, e nas percepções da sucessão e da duração (troca de fonemas – sons, grafemas – diferentes, dificuldades no reconhecimento e na leitura de palavras que não têm significado, alterações na ordem das letras e sílabas, omissões e acréscimos, maior dificuldade na escrita do que na leitura, substituições de palavras por sinônimos); **Dislexia diseidética:** dificuldade na percepção visual, na percepção gestáltica, na análise e síntese de fonemas (leitura silábica, sem conseguir a síntese das palavras, aglutinações e fragmentações de palavras, troca por equivalentes fonéticos, maior dificuldade para a leitura do que para a escrita); **Dislexia visual:** deficiência na percepção visual; na coordenação visomotora (não visualiza cognitivamente o fonema); **Dislexia auditiva:** deficiência na percepção auditiva, na memória auditiva (não audiabiliza cognitivamente o fonema); **Dislexia mista:** que seria a combinação de mais de um tipo de dislexia.

### **3.4.2 Características**

São características da dislexia a lentidão na leitura, o mau desenvolvimento da escrita, visto que há uma dificuldade na associação de símbolos gráficos e a relação com os sons que eles representam, dificuldade de copiar da lousa, dificuldade de aprender rimas, dentre outros.

As características da dislexia vêm de forma detalhada no artigo de Mousinho e Navas (2016, p. 43) de acordo com CID 10: F81.0 e F81.8 respectivamente como consta abaixo.

Quadro 3 - Transtornos específicos de aprendizagem

<b>Transtorno específico de aprendizagem (66)</b>
<p><b>315.00 Com comprometimento em leitura (CID 10: F81.0)</b></p> <p>Precisão na leitura de palavras Velocidade ou fluência de leitura Compreensão leitora</p> <p><b>Nota:</b> <i>Dislexia</i> é um termo alternativo usado para se referir a um padrão de dificuldades de aprendizagem caracterizado por problemas com a precisão ou fluência para reconhecer palavras, pobreza nas habilidades de decodificação e de soletração. Se o termo <i>dislexia</i> for usado para especificar este padrão particular de dificuldades, é importante especificar qualquer dificuldade adicional que esteja presente, como dificuldade de compreensão leitora ou raciocínio matemático.</p>
<p><b>315.2 Com comprometimento em escrita (CID 10: F81.8)</b></p> <p>Precisão na soletração Precisão em gramática e pontuação Clareza e organização na expressão escrita</p>

Fonte: Mousinho e Navas (2016, p. 43)

Destarte, quem tem dislexia tende a apresentar dificuldades em identificar ou assimilar as letras e conseqüentemente as palavras formadas por elas, a ler em ritmo bem lento e a ter bastante dificuldade em processar informações. Portanto, todas essas dificuldades são decorrentes desse transtorno e não à falta de inteligência da criança.

Para esclarecer melhor as características da dislexia e sua importância para a realização do diagnóstico, pontuar-se-á os dois aspectos centrais desse transtorno de acordo com a tabela acima.

### a) Leitura

Alguns sinais que a criança ou adolescente pode apresentar e que pode ser percebido, principalmente, na escola são:

1. Leitura de palavras de forma imprecisa ou lenta e com esforço (p. ex., lê palavras isoladas em voz alta, de forma incorreta ou lenta e hesitante, frequentemente adivinha palavras, tem dificuldade de soletrá-las).
2. Dificuldade para compreender o sentido do que é lido (p. ex., pode ler o texto com precisão, mas não compreende a sequência, as relações, as inferências ou os sentidos mais profundos do que é lido). (MOUSINHO e NAVAS, 2016, p. 40).

A lentidão na leitura de uma simples palavra pode dificultar a compreensão do sentido, em virtude de sobrecarregar a memória operacional. Ainda no artigo “Mudanças apontadas no dsm-5 em relação aos transtornos específicos de aprendizagem em leitura e escrita”, Mousinho e Navas trazem exemplos sobre como a lentidão no processo da leitura pode afetar na compreensão do que se é lido.

“a bola quebrou a vidraça da janela do vizinho”, lida rapidamente por um leitor competente, que a subdivide, no máximo, em nove segmentos, pode ser lida por um leitor principiante ou disléxico da seguinte forma: “a-bo-la-que-brou-a-vi-dra-ça-da-ja-ne-la-do-vi-zi-nho”. Para compreendê-la, o indivíduo necessita resgatar pelo menos 17 segmentos, o que inviabiliza a recuperação da informação, uma vez que sobrecarrega a memória operacional. Portanto, a fluência e a velocidade de leitura são fatores que influenciam diretamente a compreensão leitora. Um leitor principiante ou disléxico é capaz de interpretar um texto ouvido, mas sua habilidade de leitura não permite que resgate as informações lidas para interpretá-las. (MOUSINHO e NAVAS, 2016, p. 40).

Com muita leitura, pode-se adquirir experiência e conhecimento das palavras não tornando algo mecânico em um processo de decodificação dos símbolos, mas que essa decodificação seja consequência do que se aprendeu dando significado, sentido e velocidade na leitura, deixando sua cognição voltada a aspectos mais complexos como “interpretação, comparar informações novas àquelas que já têm em sua experiência de vida, inferir, questionar, criticar” (MOUSINHO e NAVAS, 2016, p. 41).

## **b) Escrita**

Os aspectos centrais relacionados a dificuldades na escrita e que também podem ser percebidos, principalmente, na escola são:

3. Dificuldades para ortografar (ou escrever ortograficamente) (p. ex., pode adicionar, omitir ou substituir vogais e consoantes).
4. Dificuldades com a expressão escrita (p. ex., comete múltiplos erros de gramática ou pontuação nas frases; emprega organização inadequada de parágrafos; expressão escrita das ideias sem clareza). (MOUSINHO e NAVAS, 2016, p. 41).

Troca de letras, omissão ou utilização indevida, na escrita, pode ser normal no seu processo de construção, se o indivíduo não tem certa familiaridade

com os símbolos e está na fase pré-silábica. Nessa fase, pode apresentar dificuldades nos fonemas homorgânicos (p/b, t/d, c/g, f/v, s/z, x/j) que para as autoras Mousinho e Navas (2016, p. 41) é um sinal bem mais forte que as ortográficas mais complexas, pois a diferença entre os dois fonemas de cada par é que um apresenta vibração das pregas vocais e o outro não, mas o ponto e o modo de articulação são exatamente os mesmos.

Exemplo de outra dificuldade comum de uma pessoa com dislexia é a troca de letras parecidas, como é o caso da letra “b” pela “d”, cuja diferença visual é apenas uma estar virada para o lado oposto ao da outra.

### **3.4.3 Diagnóstico**

Normalmente, a dislexia é diagnosticada quando a criança vai para a escola, e as exigências começam aumentar, ou seja, nos primeiros anos do ensino fundamental, quando tem passado o período da alfabetização. Antes disso, deve-se apenas ficar atenta aos sinais que a criança dá, pois uma ou duas características não são o suficiente para diagnosticar uma criança com dislexia, como exemplifica Mousinho e Navas (2016, p. 43):

O diagnóstico de dislexia pode ser atribuído desde o ensino fundamental até a idade adulta. Antes disso, podem apenas ser levantados fatores de risco, que podem ser úteis em programas de prevenção, especialmente quando há história familiar associada

Para fazer o diagnóstico da dislexia, é conveniente uma equipe multidisciplinar composta por, pelo menos, psicopedagogo(a), fonoaudiólogo(a) e neuropediatra. A Associação Brasileira de Dislexia (2016) explica que o trabalho da equipe multidisciplinar começa quando na primeira entrevista o/a neuropsicólogo (a) vai ouvir as queixas, os problemas do paciente, o seu histórico de vida, as situações em que se apresentam e, assim, vai verificar se o caso apresentado é passível de avaliação. Caso a avaliação seja necessária, testes são aplicados com psicopedagogo(a) e fonoaudiólogo(a) de acordo com cada idade. Após a coleta e a análise dos dados obtidos, de acordo com suas especificidades, os profissionais irão se reunir e expor seus resultados, isto é, irão fazer o diagnóstico de qual transtorno o paciente tem e quais as intervenções necessárias para ele.

Mousinho e Navas (2016, p. 39) trazem, em seu artigo, outro método para o diagnóstico da dislexia proposto pelo DSM-5 em que se mostram as principais ideias sobre o modelo de resposta à intervenção (*response to intervention* - RTI).

Figura 1 - Modelo de resposta à intervenção (*response to intervention* - RTI)



Fonte: Mousinho e Navas (2016, p. 39)

Segundo as autoras, o modelo não faz o diagnóstico de imediato, mas estabelece inicialmente uma hipótese diagnóstica que deve ser confirmada após meses de intervenção eficaz e cientificamente embasada.

À vista do que foi apresentado, o que é muito importante, e deve ser observado, é a evolução desse processo. Se essas dificuldades persistirem por muito tempo, faz-se necessário levar a profissionais competentes para a realização do diagnóstico e, nesse caso, não se pode ignorar a importância do papel da escola, afinal é a professora que frequentemente detecta inicialmente as dificuldades na aprendizagem no aluno e o encaminha para fazer o diagnóstico correto. Independentemente de qual seja o método utilizado para essa análise, o importante é que seja tomada a devida providência e que a criança ou adolescente receba um atendimento adequado e monitorado para atenuar a situação.

### 3.5 O lúdico como recurso pedagógico no processo ensino-aprendizagem de crianças com dislexia

A atividade lúdica é uma das formas mais adequadas para o desenvolvimento da criança, pois potencializa suas habilidades como a atenção, memorização, imaginação e todos os aspectos básicos para o processo de produção de conhecimento. Além de propiciar a aprendizagem, é divertido, pois funciona no formato de brincadeiras, deixando tudo bem mais atrativo e, conseqüentemente, despertando o interesse da criança.

Neste brincar estão incluídos os jogos, brinquedos e divertimentos e é relativa também a conduta daquele que joga que brinca e que se diverte. Por sua vez, a função educativa do jogo oportuniza a aprendizagem do indivíduo, sem saber, seu conhecimento e sua compreensão do mundo. (NILES E SOCHA, 2014, p. 81)

O enfoque da atividade lúdica é um dos caminhos que nos possibilita ver como a criança inicia seu processo de adaptação, não só no ambiente físico, mas também na sociedade, criando novas oportunidades através do seu desempenho funcional, intelectual e corporal, pois, diante de determinadas atividades, a criança conhece mais os limites do seu corpo e mente.

A criança brinca para conhecer a si própria e aos outros em suas relações recíprocas, para aprender as normas sociais de comportamento, os hábitos determinados pela cultura, para conhecer os objetivos em seu contexto, ou seja, o uso cultural dos objetos, para desenvolver a linguagem e a narrativa, para trabalhar com o imaginário, para conhecer os eventos e fenômenos que ocorrem a sua volta (KISHIMOTO, 1994, p.19).

De acordo com a afirmação acima, nota-se que é de suma importância para a criança essa fase de despertar a liberdade de brincar, experimentar, acertar e errar, não importando o contexto, pois conhecendo a si e aos outros ao seu redor é que ela vai conhecendo novas formas de lidar com determinadas situações. Hábitos, regras e todas as possíveis formas de se comunicar com o corpo despertam o imaginário da criança e enriquecem ainda mais a aprendizagem.

Conforme Kishimoto (2002, p.01) “[...] toda e qualquer atividade lúdica tem sua função, e quem as pratica terá chance de um bom desenvolvimento psicológico e motor”. Nota-se que a atividade lúdica tem um papel decisivo na formação do indivíduo podendo ser utilizada pela escola como uma ferramenta pedagógica muito eficiente, visto que a escola tende a desempenhar um papel muito importante na



formação do indivíduo tendo como objetivo, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, a formação básica do cidadão, mediante

O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; [...] o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores. (BRASIL, 2017).

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs explicam que

Embora os indivíduos tendam, em função de sua natureza, a desenvolver capacidades de maneira heterogênea, é importante salientar que a escola tem como função potencializar o desenvolvimento de todas as capacidades, de modo a tornar o ensino mais humano, mais ético. (BRASIL, 1997)

Nesse sentido, trabalhar a ludicidade com crianças que têm dislexia por meio de jogos, brincadeiras, contação de histórias, por exemplo, tende a proporcionar certo domínio nas áreas do saber contribuindo diretamente na leitura, na escrita e no cálculo matemático potencializando as capacidades do indivíduo. Desta forma, o lúdico pode ser considerado uma das alternativas mais apropriadas para se trabalhar na fase escolar com crianças que têm dislexia, pois “[...] além de contribuir e influenciar na aprendizagem dos conteúdos escolares, também auxilia no desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores da criança”. (CARDIA, 2011, p.41). Além disso, auxilia no desenvolvimento físico, de relação interpessoal e inserção social e ética da criança fomentando o desenvolvimento das capacidades que os PCNs objetivam para o ensino fundamental.

Considerando que as dificuldades de uma criança que tem dislexia são: as relações temporais, percepção auditiva, memória auditiva, percepção visual, coordenação visomotora e a compreensão dos fonemas, percebe-se a importância do lúdico como instrumento pedagógico no processo ensino-aprendizagem, pois ele tende a desenvolver os sentidos da criança com jogos e atividades diminuindo suas dificuldades e obtendo um melhor desempenho escolar.

A aprendizagem do disléxico é mais lenta se comparada a das outras crianças, portanto, as atividades devem ser desenvolvidas de maneira gradativa, ou seja, ele deve manter contato com as atividades até que o mediador perceba uma evolução naquele processo, podendo, assim, avançar para outras atividades que desenvolvam os outros sentidos da criança.

Desta forma, podemos entender que a ludicidade proporciona ao desenvolvimento integral da criança, respeitando seu ritmo e suas capacidades, estimulando suas habilidades e potencialidades causando maior independência e integração com o restante da comunidade escolar.

## 4. ANÁLISE

Diante das explicações apresentadas neste trabalho, em um primeiro momento, procedeu a uma leitura do conteúdo de livros, artigos, periódicos científicos e sites que falam sobre Biblioteca Escolar (BE), aprendizagem, dislexia e ludicidade para constituição do referencial teórico e, posteriormente, analisar a biblioteca escolar enquanto suporte educacional no tocante à realidade de alunos com dislexia, destacando as contribuições do Manifesto da IFLA/UNESCO que vem para dialogar com os demais autores supracitados no referencial teórico.

### 4.1 Biblioteca escolar como suporte educacional para atenuar a dislexia

Tendo em vista analisar a BE enquanto suporte educacional para auxiliar na aprendizagem de crianças com dislexia houve uma convergência dos seguintes aspectos retirados do referencial teórico que se fizeram relevantes para discussão desse objetivo são eles: plano pedagógico, corpo docente, biblioteca escolar e as práticas lúdicas tomando como base os objetivos propostos pelo manifesto da IFLA/UNESCO (2000) para bibliotecas escolares, que vem para contribuir com os autores que serviram como base para realização deste trabalho.

Diante do primeiro objetivo da biblioteca escolar (BE) que é: **“apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola” (IFLA/UNESCO, 2000)**, os Parâmetros Curriculares Nacionais definem que os objetivos gerais do ensino fundamental, que são as grandes metas educacionais que orientam a estruturação curricular da escola e que devem ser desenvolvidas pelos alunos ao longo da escolaridade se caracterizam “em termos de capacidades de ordem cognitiva, física, afetiva, de relação interpessoal e inserção social, ética e estética, tendo em vista uma formação ampla.” (BRASIL, 1997, p. 44).

Percebe-se que a biblioteca escolar tem que estar em sintonia com o currículo da escola partilhando dos mesmos objetivos para desenvolver e intensificar as capacidades da criança para uma formação ampla e significativa.

No caso da criança disléxica essa parceria é de extrema importância para que a intervenção feita pela biblioteca não esteja muito diferente da realidade vivida

em sala de aula, pois o disléxico tende a uma desorganização interna precisando de mais tempo do que as outras crianças para absorver o conhecimento. Portanto a biblioteca tem que estar em consonância com a sala de aula para que as atividades desenvolvidas pelo professor sejam complementadas na biblioteca a fim de reforçar a aprendizagem dessa criança.

Nessa perspectiva, Côrte e Bandeira (2011, p. 8) afirmam que “a biblioteca escolar [...] jamais será uma instituição independente, porque sua atuação reflete as diretrizes de outra instituição que é a escola.” Assim, levando em consideração o objetivo da IFLA/UNESCO mencionado acima, e considerando os apontamentos de Côrte e Bandeira, entendemos que a BE deve seguir e contribuir para com os objetivos da escola diante do seu currículo e nunca sendo um espaço dissociado da instituição, mas sendo vista como parte integrante e atuante na escola, fazendo parte do corpo pedagógico, entendendo seus objetivos, conhecendo os seus usuários e trabalhando em conjunto com os profissionais da instituição para que assim possa contribuir de forma significativa na aprendizagem dos indivíduos disléxicos, e não vista como um lugar estático, fechado e silencioso.

Está comprovado que bibliotecários e professores, ao trabalharem em conjunto, influenciam o desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de literacia na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação. (IFLA/UNESCO, 2000, p.2).

Seguindo essa linha de raciocínio o objetivo subsequente, destaca: **“trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola” (IFLA/UNESCO, 2000).**

A parceria com a comunidade escolar interna e externa (pais) possibilita maiores rendimentos a biblioteca, pois desta forma, ela terá mais liberdade para intervir nos casos de dislexia propondo projetos com atividades que venham facilitar o desempenho educacional das crianças que têm dificuldades na leitura e na escrita.

Neste sentido, para que a BE possa intervir em consonância aos objetivos da escola corroborando com a aprendizagem de crianças com dislexia, o ideal é que no projeto pedagógico da instituição de ensino deixe claro o acolhimento para esses

indivíduos com necessidades especiais, pois conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Art. 59, inciso I,

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, **transtornos globais do desenvolvimento** e altas habilidades ou superdotação: I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades. (BRASIL, 2017, p. 40)

Dessa forma, tomando conhecimento do seu público e das metas que a escola objetiva a biblioteca poderá contribuir de forma significativa com a aprendizagem dos educandos disléxicos almejando alcançar a missão da escola e consequentemente da biblioteca.

O próximo objetivo compreende **“desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida.” (IFLA/UNESCO, 2000).**

Nesse ponto, percebe-se que a BE é de suma importância para que os alunos em geral dominem a leitura e que é dever dela estimular e despertar nos educandos o hábito e o prazer pela literacia utilizando estratégias de dinamização para estimular essa prática de forma contínua.

Campello (2010, p.188) afirma que “na biblioteca, a dinamização envolve duas ações específicas: transformar a biblioteca em um espaço dinâmico por meio de atividades variadas e/ou num espaço atraente, por meio de uma organização física alegre e convidativa.”

Levando em consideração os apontamentos de Campello a biblioteca pode contribuir na formação de leitores proporcionando aos educandos um ambiente dinâmico e acolhedor que tenha um acervo diversificado contemplando um público heterogêneo, como o escolar, possibilitando o contato com a literatura em suas variadas formas e gêneros.

Dessa forma, a biblioteca escolar pode desenvolver atividades que enfatizem: o livre acesso aos livros de literatura, sem cobrança, mas pelo simples prazer de ler; passeios pela BE promovendo a liberdade de escolha e mediação no processo de leitura, como contação de histórias utilizando acessórios interativos que

nem fantoches, dedoches; ou fazendo mini peças teatrais deixando a leitura mais prazerosa e divertida.

Ao trabalhar essas atividades que tem finalidade despertar o gosto pela leitura de maneira dinâmica e prazerosa o mediador deve ter um olhar diferenciado para o usuário disléxico, pois devido ao seu distúrbio ele tende a aprender de forma mais lenta sendo necessário acompanhar de perto na execução das atividades concentrando-se nos aspectos que ele tem mais dificuldades, como percepção auditiva, para que eles tenham conhecimento e entendimento dos sons que ouvem; intensidade visual para que seja feita a relação grafema-fonema ficando mais fácil o aprendizado e dando maior autonomia ao aluno; além de apoiar e incentivar com elogios a fim de explorar mais a sua autoestima fazendo com que se tenha uma melhor socialização e um melhor desempenho educacional utilizando materiais variados e atraentes para que a criança não venha se dispersar tão facilmente.

Sendo assim, o ideal é que as atividades sejam desenvolvidas em grupos pequenos para que o bibliotecário dê a devida atenção a esse usuário respeitando seu ritmo e suas capacidades, estimulando suas habilidades e potencialidades causando maior independência e integração com o restante da comunidade escolar.

Vale ressaltar, que exaltar a autoestima da criança é muito importante na execução das atividades, pois o insucesso delas pode levá-lo a uma rejeição total de todas as outras como afirma Brandão (2015, p. 42),

Perceber a problemática emocional associada à dislexia é fundamental a família e a qualquer educador, uma vez que, se as questões emocionais não forem devidamente geridas, o insucesso pode redundar numa rejeição total de todas as atividades, principalmente no âmbito escolar. Por esta razão, quer os pais, quer os professores, deverão valorizar todos os progressos obtidos pelas crianças, entrando-se mais nas pequenas conquistas do que nas falhas.

Portanto, dar suporte emocional para uma criança com dislexia é muito importante para o seu desenvolvimento. A biblioteca será um ponto de apoio para o aluno. Então, estimular os seus valores elogiando e incentivando sem rotulá-lo e corrigi-lo o tempo todo é relevante para desenvolver e manter nas crianças disléxicas o hábito e o prazer da leitura.

Para Bicheri e Almeida Júnior (2013, p.43)

é necessário, além de espaço e acervo, de um bibliotecário competente e engajado na escola como um todo. Importa, e muito, a qualidade das atividades, as atitudes tomadas pelo bibliotecário, que deve ser competente, comunicativo, interessado e criativo.

Dessa forma, para que a BE possa cumprir o seu papel, um bibliotecário é essencial, mas esse profissional não pode oferecer apenas os serviços de consulta ou pesquisa escolar. É dever dele **“proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia.” (IFLA/UNESCO, 2000).**

A BE, bem como o bibliotecário responsável por ela, deve proclamar esse conceito a todos os seus usuários sem fazer distinção em relação às suas condições e limitações, nem encarando esses usuários como um problema na biblioteca ou na escola, mas como um ser atuante que tem especificidades, como qualquer outra pessoa.

A biblioteca deve pensar em propostas que contemplem todos os usuários juntamente com os outros educadores que devem estar preparados para desenvolverem ações de qualidade, de acordo com a diversidade existente, além de estarem conscientes da importância de uma educação inclusiva, pois essa levará ao aluno disléxico a autoestima, ao desenvolvimento de potencialidades, participação social por meio de atividades, chegando à inclusão social.

Em outras palavras, cabe ao bibliotecário possibilitar ao aluno sentir-se integrado à biblioteca por intermédio de atividades e pela interação com a comunidade a qual se insere. Desse modo, “a biblioteca escolar precisa ser aberta, ser interativa, e constituir-se num espaço livre para expressão genuína da criança, do adolescente e do jovem.” (CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p. 3).

Portanto, auxiliar o disléxico no conceito de liberdade é dar a ele a chance de mostrar suas habilidades diante das atividades propostas pelo bibliotecário e o corpo pedagógico da escola, bem como deixá-lo à vontade de mostrar o que ele aprendeu. Sendo assim, faz sentido ajudar essas crianças com dislexia na liberação

de suas potencialidades, pois quando elas são expressas no presente, conseguimos melhores resultados no desenvolvimento da aprendizagem.

O próximo objetivo depreende “**promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu redor.**” (IFLA/UNESCO, 2000).

Promover a leitura é essencial para o desenvolvimento do aluno no processo ensino-aprendizagem, principalmente, para o aluno disléxico, visto que suas dificuldades prevalecem nesse aspecto.

Para Hillesheim e Fachin (2003, p. 35)

[...] as atividades de incentivo à leitura são imprescindíveis em qualquer escola, principalmente no ensino fundamental, onde é mais fácil de inserir o hábito, pois, as crianças têm a grande capacidade de brincar, de sonhar, de imaginar e brincando assimilam e assumem as atividades como parte de seu dia-a-dia. Mas, estas atividades precisam ser realizadas com a colaboração mútua entre professores, alunos e a biblioteca da escola.

Corroborando o dizer acima, Bicheri e Almeida Júnior (2013, p. 52) afirmam que “é importante que as atividades façam parte de um projeto de atividades, que na medida do possível colaborem ou estejam inseridas no planejamento e/ou realidade da escola.”

As atividades de incentivo à leitura devem estar inseridas no planejamento escolar e articuladas com essa comunidade, contudo é preciso expandir essa prática ao seu redor contando, principalmente, com apoio dos pais.

A família é a primeira instituição social formadora da criança desempenhando um papel importante na sua formação, portanto é de extrema relevância a participação dos pais no que concerne ao acompanhamento, estimulação do seu potencial e a intermediação da prática escolar no dia a dia da criança.

Manter uma estreita relação entre BE, escola e família é muito importante para que todos os envolvidos saibam claramente o seu papel e sua responsabilidade



perante o aluno com dislexia para que não haja transferências de responsabilidades prejudicando mais ainda o aluno.

Por fim, uma boa relação entre as partes contribuirá consideravelmente para minimizar os problemas de aprendizagem na leitura e na escrita, uma vez que a escola e a biblioteca têm papel de assegurar métodos, técnicas e recursos educativos para atender as necessidades do aluno com dislexia e os pais têm o dever de contribuir com a elevação da autoestima, acreditando e investindo no desenvolvimento e no potencial do seu filho, pois quando isso não acontece influencia negativamente no processo de aprendizagem da criança. Já quando o quadro é inverso, a leitura tende a fluir mais facilmente.

#### 4.2 O papel do lúdico na dislexia

Desenvolver projetos que envolvam atividades lúdicas com intuito de estimular a leitura, a escrita e conseqüentemente a aprendizagem de uma criança com dislexia é uma excelente alternativa para se trabalhar na biblioteca a fim de atrair esse usuário para esse ambiente, além de atender os objetivos propostos pelo manifesto IFLA/UNESCO (2000) que é **“oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento”** e os objetivos apontados pelos PCN's para a BE que visam uma formação ampla para os educandos potencializando, dentre outras, as capacidades de ordem cognitiva, física, afetiva e de relação interpessoal e inserção social. Logo, atividades como jogos, brincadeiras e músicas podem ser desenvolvidas pela biblioteca para auxiliar na aprendizagem de disléxicos, pois tendem a potencializar essas capacidades, cujo esses indivíduos também precisam potencializar, auxiliando no processo de leitura e no ensino-aprendizagem como um todo.

Conforme Cardia (2011, p. 32) “o termo “lúdico” abrange o brincar, a atividade individual, coletiva, livre e regrada.” Corroborando este pensamento Vygotsky (1989 *apud* CARDIA, 2011, p. 33) diz que

o lúdico só pode ser considerado educativo quando desperta o interesse do aluno [...]. Os jogos e brincadeiras despertam nas crianças o gosto pela

vida. Muitas pesquisas têm demonstrado o valor do lúdico para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem.

Compreender a finalidade do recurso lúdico é entender que as atividades desenvolvidas pela biblioteca não serão atos simplesmente de diversão, mais que junto a isso soma-se a produção, modificação e alteração daquilo que foi proposto. Então, o bibliotecário deve ter consciência que a diversão é consequência da ação, mas o objetivo do recurso utilizado é o prazer pelo aprendizado.

Segundo Bicheri e Almeida Júnior (2013, p. 40)

Os projetos devem facilitar a relação entre o aluno, o leitor e o texto. Portanto, além de conhecer aspectos e materiais da escrita, da arte e da leitura, dos processos de ensino, do projeto pedagógico, da cultura e da sociedade, é impreterível que o mediador conheça a comunidade escolar, pois é com/para ela que se deve desenvolver os projetos.

Sendo assim, entende-se que é necessário, também, o conhecimento sobre seus usuários, ou seja, conhecimento da dislexia em si e das técnicas existentes para trabalhar com crianças que têm esse distúrbio, que saiba as necessidades deles e compreenda a finalidade do recurso lúdico que irá auxiliar na aprendizagem desses indivíduos.

Nesse sentido, é preciso que o bibliotecário faça um estudo sobre seus usuários conhecendo as suas reais necessidades e para isso é necessário ir além das pesquisas de usuários efetuadas na comunidade escolar.

Apesar das necessidades dos disléxicos compartilharem de muitos objetivos da BE, pois constantemente seus eles são voltados à fomentação da leitura e a maior dificuldade do disléxico é nesse aspecto, não é tão fácil lidar com esse usuário sendo fundamental que o profissional responsável pela biblioteca entenda o distúrbio em si, suas causas e os tipos, ou seja, para que o bibliotecário possa intervir propondo projetos com atividades de incentivo à leitura e a aprendizagem para o usuário disléxico é necessário uma formação continuada, seja com capacitações, cursos, eventos, seminários, especializações, etc., pois além de estar contribuindo de forma significativa na aprendizagem desse usuário estará sendo competente e se mantendo atualizado, visto que é indispensável a educação continuada para a profissão.

Além das atividades de incentivo à leitura e conseqüentemente da escrita, o manifesto IFLA/UNESCO (2000) busca, também, **“organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade.”**

Levando em consideração o comportamento das crianças com dislexia, é importante ressaltar nesse ponto o quanto é importante o incentivo no que diz respeito à empatia diante das diversas formas de cultura, pois a diversidade cultural está ligada às práticas, normas e regras que cada indivíduo terá que passar pela vida. Tal consciência será explorada individualmente, mas também no âmbito social fortalecendo seus valores e reconhecendo as necessidades dos outros indivíduos.

O manifesto também destaca dentre seus objetivos:

**apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos. (IFLA/UNESCO, 2000).**

A BE deve dar o suporte adequado para cada tipo de aluno, em especial, aos alunos com dislexia. Logo, o bibliotecário deve ter um cuidado singular com seus usuários, pois cada um possui suas particularidades que devem ser vistas com calma, ou seja, a forma de como o bibliotecário deve passar as informações a esses usuários deve ser minuciosamente planejada com os outros setores e demais profissionais da escola. Acervo, estrutura e estratégias de como disseminar esse conhecimento vão auxiliar na aprendizagem da leitura apoiando, motivando e ensinando os usuários a utilizar os diferentes suportes de informação sensibilizando o uso adequado das formas de informação.

Em suma, Côrte e Bandeira (2011) faz um apanhado geral sobre a relação das atividades desenvolvidas na BE com os objetivos propostos pelo manifesto IFLA/UNESCO quando afirma que a BE é muito importante na escola, às atividades que ela desenvolve exercem influências políticas, educativas, culturais e sociais, contribuindo para:

- a) ampliar as oportunidades de educação e conhecimento dos alunos;
- b) colocar à disposição dos alunos acervos e informações que complementam o currículo escolar;

- c) promover e facilitar o intercâmbio de informações;
- d) promover a formação integral dos alunos;
- e) tornar-se um ambiente social, cooperativo e democrático;
- f) facilitar a ampla transmissão da arte, da ciência e da literatura;
- g) promover a integração entre aluno, professor, ex-aluno e pais.

Nota-se que as atividades cuja autora fala contribui bastante para formação do disléxico, pois oferece integração com do aluno com a comunidade escolar tornando o ambiente mais social, cooperativo além de democrático.

Tendo em vista o papel da biblioteca escolar, analisado aqui, e diante do manifesto IFLA/UNESCO (2000), é importante fortalecer esse discurso que as BE's devem atender de forma satisfatória a toda a comunidade escolar. É fundamental que a BE atenda seu público de forma especializada com materiais especiais e recursos adequados que proporcionem o acesso dos alunos disléxicos ao mundo da leitura, tornando esse processo de aprendizagem bem mais admirável.

### **4.3 Cartilhas pedagógicas**

O conteúdo das duas cartilhas é uma compilação do conteúdo desse trabalho onde a primeira contém informações sobre a importância da biblioteca escolar e da sua função bem como a importância das atividades lúdicas no processo ensino-aprendizagem de pessoa com dislexia. E a segunda cartilha contém informações básicas sobre a dislexia.



**Cartilha:  
O papel da  
Biblioteca  
Escolar**

| CONTEXTUALIZANDO

## Introdução

A Biblioteca Escolar (BE) como promotora de novos conhecimentos e saberes é uma das instituições base na formação do cidadão sendo um recurso indispensável na escola para o processo de aprendizagem. Ela é responsável por proporcionar ao cidadão oportunidades de vivências com a leitura além de se constituir num ambiente acolhedor, convidativo, dinâmico e agradável com inúmeras possibilidades que colaborem na aprendizagem do indivíduo.

Sendo um ambiente acolhedor de grandes possibilidades a biblioteca escolar deve atuar junto à comunidade escolar estimulando o gosto pela leitura, como também o aprendizado contínuo e o desenvolvimento do indivíduo, principalmente àqueles que apresentam maiores dificuldades no processo educacional.

A dislexia é um dos distúrbios de aprendizagem mais comuns na escola que compromete seriamente a aprendizagem da criança no que concerne à leitura e à escrita. Sendo a BE parte integrante do processo educativo, faz-se necessário um olhar diferenciado para esses usuários a fim de entender melhor suas dificuldades e criar estratégias, juntamente com o corpo pedagógico, que possam auxiliar no desenvolvimento educacional do disléxico.

Sendo assim, o lúdico é um grande aliado na aprendizagem de qualquer criança, principalmente nas

que tem dislexia, pois propicia a diversão e o desenvolvimento de várias habilidades, no contexto oral, corporal e criativo, desencadeando sua aprendizagem de forma natural e agradável.

| MANIFESTO IFLA/UNESCO

## Objetivos da Biblioteca Escolar

A Biblioteca Escolar (BE) é ambiente integrado à escola, visto que partilham do mesmo objetivo, portanto, a escola como um todo, seja a biblioteca, a coordenação pedagógica, a classe de professores e de alunos têm que caminhar juntas para cumpri-lo.

Os objetivos da biblioteca escolar e conseqüentemente, seus serviços e atividades devem estar entrelaçados ao objetivo geral da escola à qual se insere e, assim, atender as necessidades da instituição e dos seus usuários. Desse modo, a biblioteca escolar, segundo exemplifica o Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar (2000 p. 2), objetiva:

**Apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola;**

**Prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas idéias, experiências e opiniões;**

Desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida; \_ oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento;

Organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade;

Trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola;

Apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos

Proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia;

Promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu derredor.



Para desenvolver esses objetivos e para que a biblioteca possa exercer seu papel, Côrte e Bandeira (2011, p. 3) afirmam que três elementos são fundamentais:

Um acervo bem selecionado e atualizado, que contemple todo tipo de suporte de informação; Um ambiente físico adequado e acolhedor, e o mediador, a figura do bibliotecário/professor que surge no processo de leitura, com função de atuar produtivamente na seleção do acervo. A biblioteca escolar precisa ser aberta, ser interativa, e constituir-se num espaço livre para expressão genuína da criança, do adolescente e do jovem.

A biblioteca escolar, bem como as atividades desenvolvidas nela, deve ser conduzida pelo bibliotecário que, por sua vez, deve coordenar as atividades de acordo com o projeto pedagógico e as diretrizes da escola de acordo com as necessidades e nível escolar que cada usuário tem.

| SOBRE

## **Biblioteca e a Comunidade Escolar**

Existem várias formas pelas quais a aprendizagem pode ser atingida, e uma delas é por meio dos ensinamentos e dos estímulos que a Biblioteca Escolar (BE) propõe a desenvolver, como a cognição da criança e do adolescente. Além dos

ensinamentos e estímulos que a biblioteca pode proporcionar, ser atualizada, dinâmica e solícita às necessidades dos seus usuários também são elementos primordiais para o desenvolvimento do aluno numa escola.

A biblioteca escolar é uma extensão da sala de aula que serve de apoio ao desenvolvimento do aluno no processo ensino-aprendizagem.

Côrte e Bandeira (2011, p. 6) exemplificam afirmando que:

A biblioteca escolar serve de suporte aos programas educacionais, atuando como um centro dinâmico, participando, em todos os níveis e momentos, do processo de desenvolvimento curricular e funcionando como laboratório de aprendizagem integrado ao sistema educacional.

Assim, vê-se que é fundamental no processo social e cognitivo do indivíduo uma boa base para atingir níveis educacionais na carreira escolar dos alunos. A biblioteca como suporte didático serve não somente às bases fundamentais do aprendizado como também auxilia e potencializa o ensino do professor dentro e fora de sala de aula, proporcionando um melhor aproveitamento dos espaços da escola. Portanto, esse ambiente deve ser transformado em um local dinâmico e cultural que desperte o prazer de ser frequentado pelos seus usuários.

| SOBRE

## Leitura: Prazer e hábito

A BE é de suma importância para que os alunos em geral dominem a leitura e que é dever dela estimular e despertar nos educandos o hábito e o prazer pela literacia utilizando estratégias de dinamização para estimular essa prática de forma contínua.

Campello (2010, p.188) afirma que “na biblioteca, a dinamização envolve duas ações específicas: transformar a biblioteca em um espaço dinâmico por meio de atividades variadas e/ou num espaço atraente, por meio de uma organização física alegre e convidativa.”

Levando em consideração os apontamentos de Campello a biblioteca pode contribuir na formação de leitores proporcionando aos educandos um ambiente dinâmico e acolhedor que tenha um acervo diversificado contemplando um público heterogêneo, como o escolar, possibilitando o contato com a literatura em suas variadas formas e gêneros.

Dessa forma, a biblioteca escolar pode desenvolver atividades que enfatizem: o livre acesso aos livros de literatura, sem cobrança, mas pelo simples prazer de ler; passeios pela BE promovendo a liberdade de escolha e mediação no processo de leitura, como contação de histórias utilizando acessórios interativos que nem fantoches, dedoches; ou fazendo mini peças teatrais deixando a leitura mais prazerosa e divertida.

A biblioteca pensada como espaço de criação, compartilhamento e produção cultural é muito importante para que nada seja imposto aos seus usuários, muito pelo contrário, o espaço tem que desenvolver atividades que proporcionem o gosto pela biblioteca, leitura e pelas demais atividades desenvolvidas nela que visam sempre ao conhecimento e à aprendizagem.

| SOBRE

## **A BIBLIOTECA ESCOLAR NO ENSINO E APRENDIZAGEM PARA TODOS**

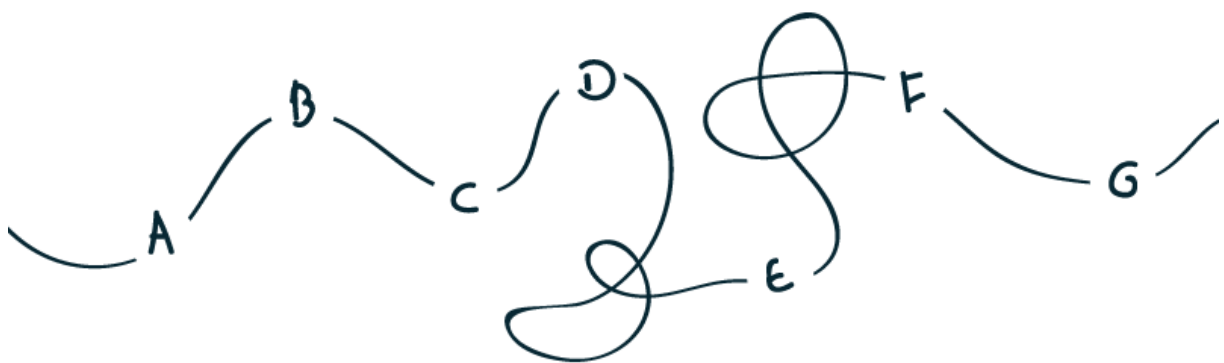
A BE, bem como o bibliotecário responsável por ela, deve atender a todos os seus usuários sem fazer distinção em relação às suas condições e limitações, nem os encarando como um problema na biblioteca ou na escola, mas como um ser atuante que tem especificidades, como qualquer outra pessoa.

Nesse sentido a biblioteca escolar deve pensar em propostas que contemplem todos os usuários juntamente com os outros educadores que devem estar preparados para desenvolverem ações de qualidade, de acordo com a diversidade existente, além de estarem conscientes da importância de uma educação inclusiva, pois essa levará ao aluno disléxico a

autoestima, ao desenvolvimento de potencialidades, participação social por meio de atividades, chegando à inclusão social.

Em outras palavras, cabe ao bibliotecário possibilitar ao aluno disléxico sentir-se integrado à biblioteca por intermédio de atividades e pela interação com a comunidade a qual se insere. Desse modo, “a biblioteca escolar precisa ser aberta, ser interativa, e constituir-se num espaço livre para expressão genuína da criança, do adolescente e do jovem.” (CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p. 3).

Portanto, auxiliar o disléxico no conceito de liberdade é dar a ele a chance de mostrar suas habilidades diante das atividades propostas pelo bibliotecário e o corpo pedagógico da escola, bem como deixá-lo à vontade de mostrar o que ele aprendeu. Sendo assim, faz sentido ajudar essas crianças com dislexia na liberação de suas potencialidades, pois quando elas são expressas no presente, conseguimos melhores resultados no desenvolvimento da aprendizagem.



| SOBRE

## **BIBLIOTECA ESCOLAR E ENTRETENIMENTO**

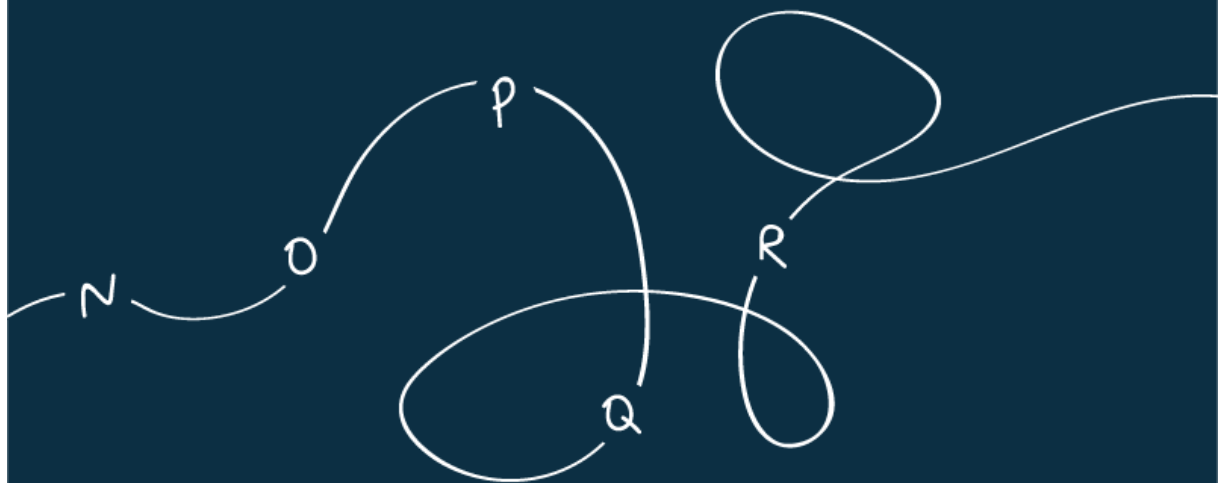
Desenvolver projetos que envolvam atividades lúdicas com intuito de estimular a leitura, a escrita e conseqüentemente a aprendizagem de uma criança com dislexia é uma excelente alternativa para se trabalhar na biblioteca a fim de atrair esse usuário para esse ambiente, além de atender os objetivos propostos pelo manifesto IFLA/UNESCO (2000) e os objetivos apontados pelos PCN's para a BE que visam uma formação ampla para os educandos potencializando, dentre outras, as capacidades de ordem cognitiva, física, afetiva e de relação interpessoal e inserção social. Logo, atividades como jogos, brincadeiras e músicas podem ser desenvolvidas pela biblioteca por meio de um projeto para auxiliar na aprendizagem de disléxicos, pois tendem a potencializar essas capacidades, cujo esses indivíduos também precisam potencializar, auxiliando no processo de leitura e no ensino-aprendizagem como um todo.



Segundo Bicheri e Almeida Júnior (2013, p. 40):

Os projetos devem facilitar a relação entre o aluno, o leitor e o texto. Portanto, além de conhecer aspectos e materiais da escrita, da arte e da leitura, dos processos de ensino, do projeto pedagógico, da cultura e da sociedade, é impreterível que o mediador conheça a comunidade escolar, pois é com/para ela que se deve desenvolver os projetos.

Sendo assim, entende-se que é necessário, também, o conhecimento sobre seus usuários, ou seja, conhecimento da dislexia em si e das técnicas existentes para trabalhar com crianças que têm esse distúrbio, que saiba as necessidades deles e compreenda a finalidade do recurso lúdico que irá auxiliar na aprendizagem desses indivíduos









**Cartilha de  
Orientação para  
Bibliotecários  
sobre Dislexia**

| SOBRE

## O que é dislexia?

A definição que originou-se pela International Dyslexia Association – IDA, em 2002, e que foi adotada pela Associação Brasileira de Dislexia (ABD) é a seguinte:

““

A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas.

””

Mousinho e Navas (2016, p. 38) conceituam dislexia como:

““

[...] um dos vários tipos de transtornos de aprendizagem. Trata-se de uma dificuldade específica de linguagem, de origem constitucional, caracterizada por dificuldades na decodificação de palavras isoladas, normalmente refletindo insuficiência do processamento fonológico. Estas dificuldades na decodificação de palavras isoladas são muitas vezes inesperadas em

relação à idade e outras habilidades cognitivas e acadêmicas; não são o resultado do desenvolvimento generalizado de incapacidade ou deficiência sensorial. Dislexia é manifestada por dificuldades linguísticas variadas, incluindo, normalmente, para além das alterações de leitura, um problema com a aquisição da proficiência da escrita e da soletração.



Sendo assim, seguindo a linha dos conceitos citados, a dislexia pode ser considerada um transtorno com especificidade na escrita, soletração e principalmente na leitura, uma vez que o disléxico apresenta problemas em decodificar palavras isoladas, ocasionando uma deficiência no processamento fonológico.



| SOBRE

## Características do aluno com dislexia

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) o aluno com dislexia pode apresentar:

- 1 Dificuldade na aquisição e automação da leitura e da escrita;
- 2 Pobre conhecimento de rima (sons iguais no final das palavras) e aliteração (sons iguais no início das palavras);
- 3 Desatenção e dispersão;
- 4 Dificuldade em copiar de livros e da lousa;
- 5 Dificuldade na coordenação motora fina (letras, desenhos, pinturas etc.) e/ou grossa (ginástica, dança etc.);
- 6 Desorganização geral, constantes atrasos na entrega de trabalho escolares e perda de seus pertences;
- 7 Confusão para nomear entre esquerda e direita; Dificuldade em manusear mapas, dicionários, listas telefônicas etc.;
- 8 Vocabulário pobre, com sentenças curtas e imaturas ou longas e vagas.

| SOBRE

## O lúdico como recurso pedagógico para crianças com dislexia

A atividade lúdica é uma das formas mais adequadas para o desenvolvimento da criança, pois potencializa suas habilidades como a atenção, memorização, imaginação e todos os aspectos básicos para o processo de produção de conhecimento.

O enfoque da atividade lúdica é um dos caminhos que nos possibilita ver como a criança inicia seu processo de adaptação, não só no ambiente físico, mas também na sociedade, criando novas oportunidades através do seu desempenho funcional, intelectual e corporal, pois, diante de determinadas atividades, a criança conhece mais os limites do seu corpo e mente.

Conforme Kishimoto (2002, p.01) “[...] toda e qualquer atividade lúdica tem sua função, e quem as pratica terá chance de um bom desenvolvimento psicológico e motor”. Nota-se que a atividade lúdica tem um papel decisivo na formação do indivíduo podendo ser utilizada como uma ferramenta pedagógica muito eficiente, visto que a escola tende a desempenhar um papel muito importante na formação do indivíduo tendo como objetivo, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, a formação básica do cidadão, mediante

O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; [...] o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores. (BRASIL, 2017).

Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs explicam que:

Embora os indivíduos tendam, em função de sua natureza, a desenvolver capacidades de maneira heterogênea, é importante salientar que a escola tem como função potencializar o desenvolvimento de todas as capacidades, de modo a tornar o ensino mais humano, mais ético. (BRASIL, 1997).

Nesse sentido, trabalhar a ludicidade com crianças que têm dislexia por meio de jogos, brincadeiras, contação de histórias, por exemplo, tende a proporcionar certo domínio nas áreas do saber contribuindo diretamente na leitura, na escrita e no cálculo matemático potencializando as capacidades do indivíduo. Desta forma, o lúdico pode ser considerado uma das alternativas mais apropriadas para se trabalhar na fase escolar com crianças que têm dislexia, pois “[...] além de contribuir e influenciar na aprendizagem dos conteúdos escolares, também auxilia no desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores da criança”. (CARDIA, 2011, p.41). Além disso, auxilia no desenvolvimento físico, de relação interpessoal e inserção social e ética da criança fomentando o desenvolvimento das capacidades que os PCNs objetivam para o ensino fundamental.

| SOBRE

## Como lidar com a Dislexia?

Ao desenvolver atividades para auxiliar na aprendizagem do dislético o mediador deve atentar-se para alguns cuidados. O Site da Associação Brasileira de Dislexia (ABD) refere que:

Devem ser usados elementos visuais e táteis para que as informações sejam internalizadas pelas vias sensoriais. Dessa forma, fica mais fácil compreender a relação letra-som;

Dar sempre informações curtas e espaçadas devido à dificuldade de reter informações longas. As informações dadas devem ser objetivas e diretas;

Devem-se desenvolver formas de estimular as habilidades fonológicas e auditivas. Cabe usar recontagem de história, sempre levando em conta a idade e a escolaridade do aluno;

Devem-se levar sempre em conta que o dislético é mais lento para copiar;

Devem-se fornecer dicas, atalhos, associações para que o aluno lembre as informações e execute atividades;

Ter um plano educacional individualizado e valorizar o aluno qualitativamente;

Tratar o aluno com incentivo, valorizando seus acertos e estimulando a perseverança e a autoestima;

Não solicitar ao aluno que leia ou escreva em público para evitar expô-lo;

Tentar promover a integração escolar.





## 5 CONCLUSÃO

A dislexia é um dos problemas que existem nas escolas de todo o mundo, embora muitas vezes não seja diagnosticada imediatamente pelos pais ou profissionais da educação. É um problema que afeta o processo de ensino-aprendizagem dessas crianças, principalmente no que diz respeito à leitura e a escrita.

Ter um olhar diferenciado para os jovens com dificuldades de aprendizagem realmente faz a diferença, visto que cada sujeito tem sua modalidade de aprendizagem, ninguém aprende da mesma forma. Então, a BE deve promover a mesma oportunidade para todos os seus usuários, mas usando estratégias diferentes de acordo com suas dificuldades.

É dever da escola e, conseqüentemente, da biblioteca elaborar um plano de ensino que atenda todos os alunos, sem exceção, caso contrário lhes serão negados os seus direitos educacionais.

As atividades lúdicas são excelentes aliadas para o desempenho educacional do disléxico, pois auxiliam no processo de aprendizagem contribuindo para socialização, sua consciência fonológica, atenção e percepção visual.

Diante das explanações apresentadas nesse trabalho sobre dislexia e suas dificuldades, o papel e a importância da biblioteca na comunidade escolar e a relevância do lúdico para a biblioteca e para as crianças com transtornos de aprendizagem com relação à dislexia, percebe-se a necessidade de intervenções e acompanhamento constante por parte dos educadores na comunidade escolar.

Sendo assim, a biblioteca como parte indissociável da escola pode e deve fazer intervenções e acompanhamentos de pessoas com dislexia sempre levando em consideração a metodologia da escola e as limitações que esse tipo de usuário tem. Por isso, é de extrema importância conhecer o problema e estar apto para auxiliar a criança disléxica a lidar com suas dificuldades.

O professor e o bibliotecário devem estar em sintonia, pois o primeiro tem contato inicial com o aluno sendo responsável por ensinar e transmitir seus conhecimentos a este aprendiz e o segundo tem a competência de mediar qualquer tipo de informação e conseqüentemente a aprendizagem formando leitores competentes, ou seja, tanto o professor quanto o bibliotecário têm papel fundamental na construção do conhecimento.

Além disso, é muito importante que a biblioteca conscientize a escola da importância do lúdico para aprendizagem desses indivíduos. Logo, faz-se necessário a integração e a compreensão do corpo pedagógico para que essa proposta seja inserida no plano escolar, pois sem o apoio da instituição fica difícil realizar qualquer tipo intervenção.

Todos os objetivos propostos foram contemplados no decorrer deste trabalho. Os objetivos específicos que são: “investigar como o lúdico pode auxiliar na redução das dificuldades ocasionadas pela dislexia no tocante à aprendizagem, compreendendo os aspectos centrais, características e tipos do transtorno” e “compreender a biblioteca escolar enquanto suporte educacional no tocante à realidade de alunos com dislexia, destacando as contribuições do Manifesto da IFLA” foram respondidos, respectivamente, no referencial teórico a partir das explicações feitas no 3º capítulo e conseqüentemente nas suas subseções e na análise cuja biblioteca é compreendida como suporte educacional a partir do momento que ela se adéqua ao currículo da escola de acordo com os seus objetivos definidos pelo manifesto e atende as necessidades dos seus usuários disléxicos por meio do lúdico. O terceiro e último objetivo foi contemplado com as cartilhas e encontram-se nos apêndices desse trabalho.

Diante das leituras feitas sobre atuação da biblioteca escolar no que diz respeito aos alunos com dislexia, esse trabalho recomenda a produção e distribuição de cartilhas pedagógicas nas bibliotecas escolares para que venha auxiliar no conhecimento dos bibliotecários sobre a dislexia e sobre a importância do lúdico no processo de aprendizagem desses indivíduos.

Por fim, este trabalho pretende contribuir para novas discussões acerca dos desafios da biblioteca escolar no que concerne a dislexia e atividades lúdicas para auxiliá-los em suas dificuldades.

## REFERÊNCIAS

ABD. Associação Brasileira de Dislexia. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/>>. Acesso em: 02 de ago. 2018.

ABREU, Sónia Isabel Alves de. **Dislexia: aprender a aprender**. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa, 2012.

ARAUJO, Aloma Berenice Novelino. SISBEC - uma proposta pedagógica. **Boletim ABDF**. Nova Série, Brasília, v. 9, n. 2, p. 106, abr./jun. 1986.

BARROS, de Jussara. **Dificuldades de aprendizagem**. <Disponível em: <http://www.brasilecola.com/educacao/dificuldades-aprendizagem.htm>>. Acesso em: 29 maio. 2018.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Bibliotecário escolar: um mediador de leitura. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 41-54, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106585/105180>>. Acesso em: 23 out. 2018.

BORTOLIN, Sueli. A leitura e o prazer de estar na biblioteca escolar. *In*: \_\_\_\_\_ SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Org.). **Fazer cotidiano na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. 65-72 p.

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

BOSSA, Nadia A. **Dificuldades de aprendizagem: o que são? Como tratá-las?** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

BRANDÃO, Letícia Peixoto Moraes. **Dislexia: Características e Intervenções**. Especialização em Educação Especial e Inclusiva. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2015. Disponível em: [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/R201671.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/R201671.pdf). Acessado em: 13 set. 2018.

BRASIL. Dificuldades de aprendizagem atingem cerca de 5% da população escolar. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/07/dificuldades-de-aprendizagem-atingem-cerca-de-5-da-populacao-escolar>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BRASIL. Congresso. Senado. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. Lei nº 9394/20 de dezembro de 1996. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991.** 3 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. Disponível em: <<http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/182.pdf>> Acesso em: 11 jun. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126 p.

BRASIL\_\_\_\_\_. Manifesto IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar. Tradução de Neusa Dias de Macedo. São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

CAMPELLO, Bernadete Santos. *et al.* **A biblioteca escolar:** temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2008. 62 p.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem.** Petrópolis: Vozes, 2003.

CARDIA, Joyce Aparecida Pires. A importância da presença do lúdico e da brincadeira nas séries Iniciais: um relato de pesquisa. **Revista Eletrônica de Educação**, v. v, n. 9, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.unifil.br/portal/images/pdf/documentos/revistas/revista-eletronica/educacao/jul-dez-2011.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

CÔRTE, Adelaide Ramos e; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar.** Brasília/DF: Briquet de Lemos, 2011. 176 p.

COUTINHO, Kátia Soares; XERXENESKY, Filipe. Biblioteca escolar no século XXI. *In:*\_\_\_\_\_ MOURO *et al.* (Orgs.) **Biblioteca Escolar: Presente!** Porto Alegre: Editora Evanagraf / CRB-10, 2011. p. 177-192.

CUNHA, Eugênio. **Afeto e aprendizagem:** relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

FELIPE, Sione Maschio; BENEVENUTTI, Zilma Sansão. Dificuldade de aprendizagem. UNIASSELVI. **Revista Maiêutica pedagogia**, v. 01, n. 01, 2013.

Disponível em:

<[https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/PED\\_EaD/article/view/450/14](https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/PED_EaD/article/view/450/14)>. Acesso em: 29 mai. 2018.

FONSECA, Vitor da. **Introdução as dificuldades de aprendizagem.** 2. ed. rev. aum. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

- HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar e a leitura. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 8/9, 2003. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/404/507>>. Acesso em: 23 out. 2018.
- KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e educação**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- KISHIMOTO, Tizuko M. **O Jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. e ampl. São Paulo: Atlas, 2011. 314 p.
- LOURENÇO FILHO, M. B. **O ensino e a biblioteca**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.
- MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Bibliotecas escolares: uma trajetória de luta, de paixão e de construção da cidadania. *In:\_\_\_\_\_ et al.* (Orgs.) **Biblioteca Escolar: Presente!** Porto Alegre: Editora Evanagraf / CRB-10, 2011. p. 13-70.
- MOURA, Suzana Paula Pedreira Tavares de. **A dislexia e os desafios pedagógicos**. Niterói, 2013. Disponível em: <[http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/N205864.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N205864.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2018.
- MOUSINHO, Renata; NAVAS, Ana Luiza. Mudanças apontadas no DSM-5 em relação aos transtornos específicos de aprendizagem em leitura e escrita. **Revista Debates em Psiquiatria**. São Paulo, ano 6, n. 3, maio/jun. 2016.
- NILES, Rubia Paula Jacob; SOCHA, Kátia. A importância das atividades lúdicas na educação infantil. **Ágora: Revista de Divulgação Científica**, v. 19, n. 1, p. 80-94, jan./jun. 2014. Disponível em: <[www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/download/350/518](http://www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/download/350/518)>. Acesso em: 29 maio 2018.
- SANTANA FILHO, Severino Farias de. **O papel da biblioteca escolar na formação do leitor**. Disponível em: [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais15/Sem02/severinofarias.htm](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/Sem02/severinofarias.htm). Acesso em: 22 out. 2018.
- SANTOS, Marcos Pereira dos. **Dificuldades de aprendizagem na escola: um tratamento psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Wak editora, 2012.
- SERAFINE, Loiva Terezinha *et al.* Novas tendências para as bibliotecas escolares brasileiras: Fórum Gaúcho pela Melhoria das Bibliotecas Escolares, Projeto Mobilizador e lei das bibliotecas escolares. *In:\_\_\_\_\_ et al.* (Orgs.)

**Biblioteca Escolar: Presente!** Porto Alegre: Editora Evanagraf / CRB-10, 2011. p. 130-136.

SILVA, Roberta Ferreira da. **Dificuldades de aprendizagem:** o papel da escola e da família. Rio de Janeiro: 2010

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999. (Coleção questões da nossa época; v. 45).

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia de Pesquisa.** Curitiba: IESDE BRASIL, 2009.

ZANATA, Milena Hoppen. A contribuição da estimulação para a aprendizagem. **Revista de Educação do Ideau**, Erebang-RS., v. 9, n. 20, p. 01-12, jul./dez. 2017.